

Um olhar para
PESCA ARTESANAL

COMUNIDADES DE IPIOCA, PARIPUEIRA E BARRA DE SANTO ANTÔNIO
TRECHO SUL DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL COSTA DOS CORAIS - ESTADO DE ALAGOAS- BRASIL

Realização



Apoio



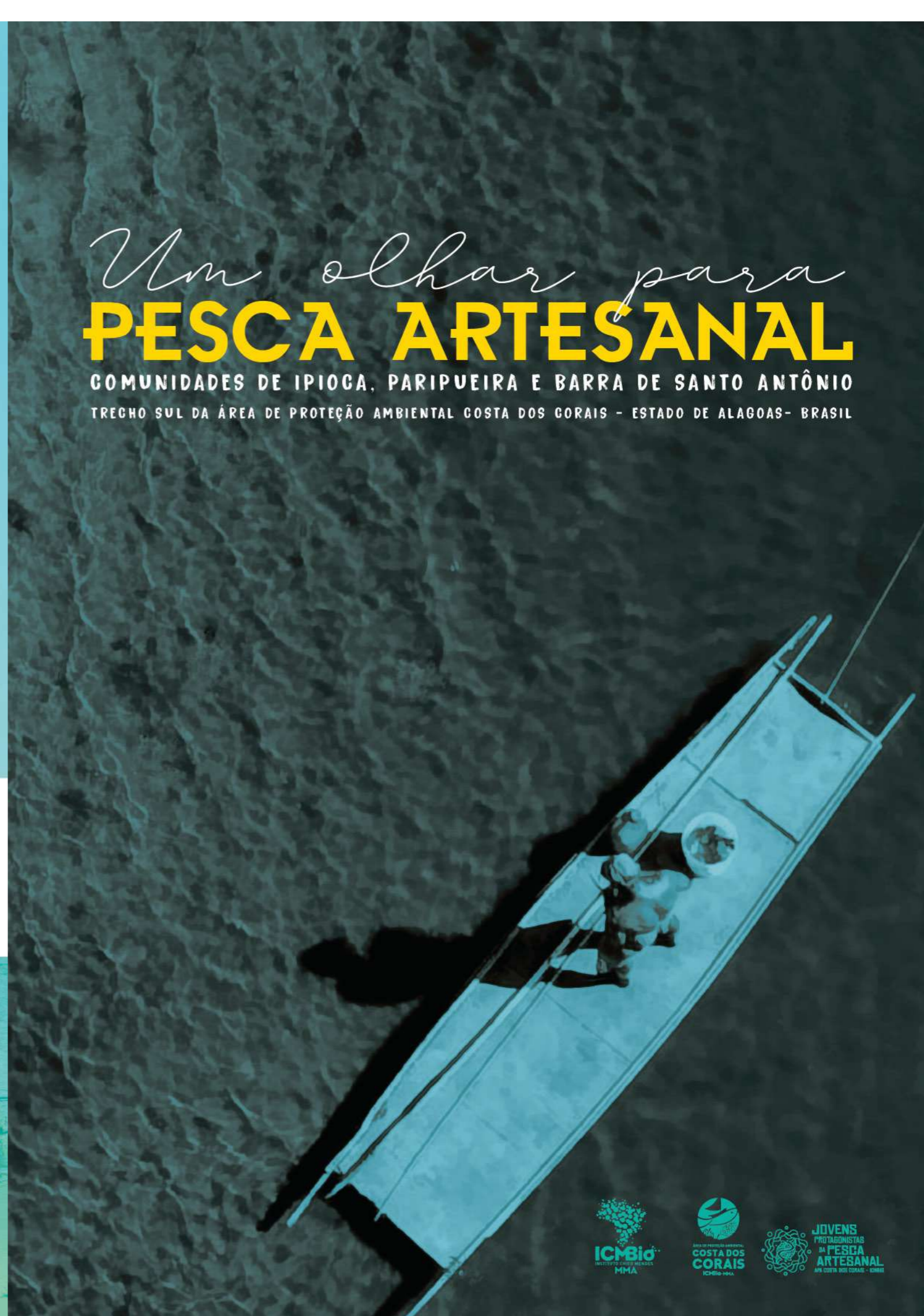
GOVERNOS ESTADUAIS DA COSTA DO BRASIL



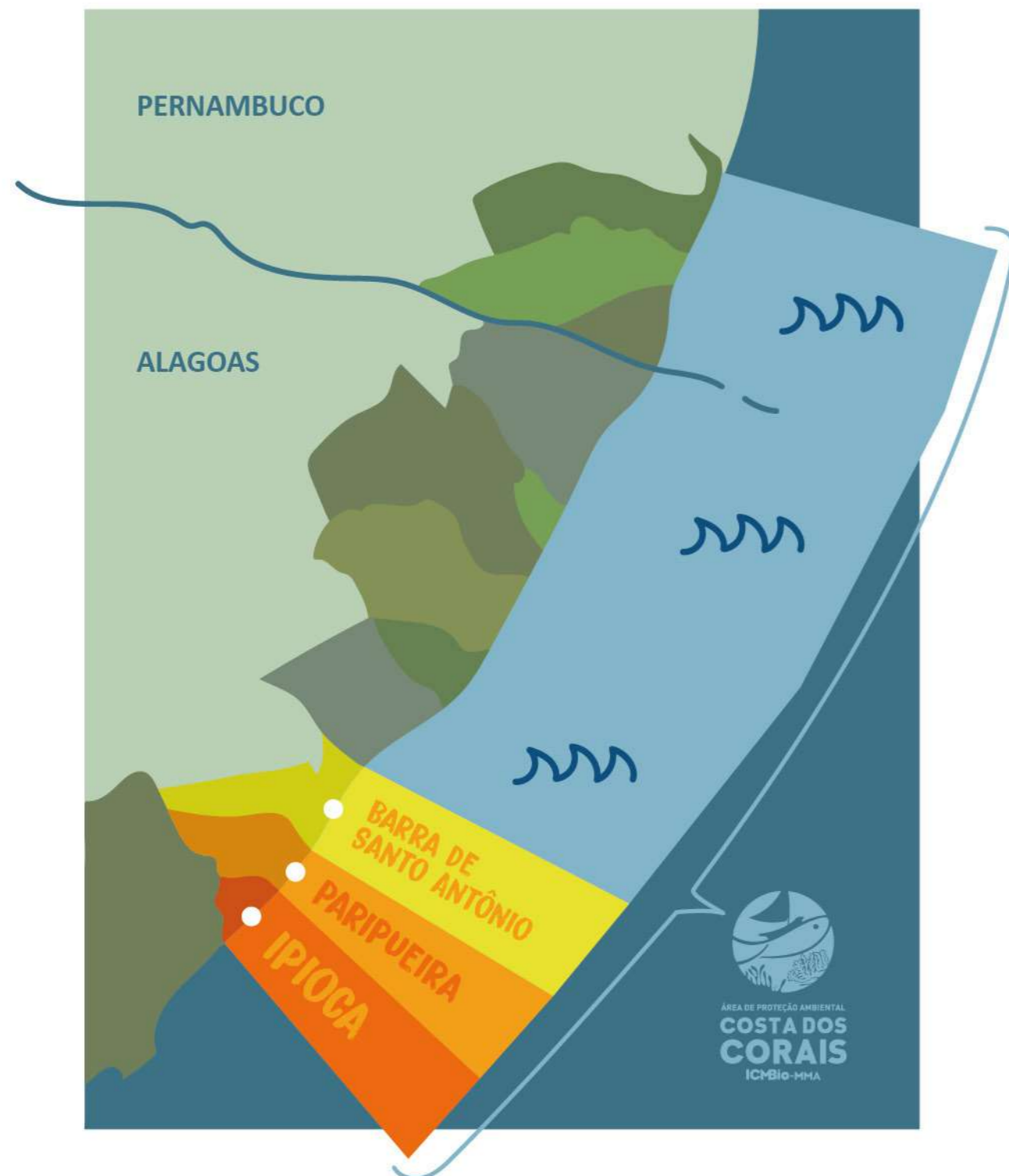
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE



FUNDAÇÃO TOYOTA DO BRASIL



Um olhar para
PESCA ARTESANAL
COMUNIDADES DE IPIOGA, PARIPUEIRA E BARRA DE SANTO ANTÔNIO



Sumário

Apresentação da proposta	2
A Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais	5
O projeto Jovens Protagonistas da Pesca Artesanal	6
Apresentação dos entrevistados pelos Jovens Protagonistas	8

IPIOCA 9



Memórias de Ipioca | Relações de trabalho
Nossas festividades | Práticas de saúde
A pesca na alimentação | Formas de aprendizagem da pesca
Cotidiano da pesca | O pescado nos mangues
O pescado nos currais | Técnicas da Pesca

PARIPUEIRA 21



Memórias de Paripueira | Relações de trabalho
A pesca na alimentação | Cotidiano da pesca
Técnicas da Pesca | Territórios Marítimos
Formas de aprendizagem da pesca

Barra de Santo Antônio 31



Memórias da Barra de Santo Antônio | Nossas festividades
Práticas de saúde | Relações de trabalho
Formas de aprendizagem da pesca
Cotidiano da pesca

Glossário 41

Equipe 42





APRESENTAÇÃO

Olá leitores,

Essa revista que se encontra em suas mãos apresenta o resultado de um trabalho muito bacana feito pelos Jovens Protagonistas da Pesca Artesanal da Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais – APACC.

Trata-se de uma produção voltada para o reconhecimento das formas e usos do território pela comunidade pesqueira local. O material apresenta um mapeamento participativo realizado pelos jovens junto a personagens importantes do cenário da pesca artesanal nas localidades de Ipioca, Paripueira e Barra de Santo Antônio - Alagoas.

A ação fez parte da fase 2 do Projeto Jovens Protagonistas da Pesca Artesanal da APACC, realizado com financiamento do projeto GEF-Mar. Para saber mais sobre esse projeto e sobre a APACC, segue lendo que aí embaixo tem um monte de informação legal pra vocês conhecerem melhor este território e o que vem acontecendo por lá.

Neste material destacam-se histórias, modos de fazer e reflexões sobre como se mantém viva a cultura da pesca artesanal. Tudo que será apresentado aqui foi resultado de longas e deliciosas conversas entre os Jovens Protagonistas e pessoas importantes para a história local. Personagens cheios de conhecimentos e saberes que tiraram um tempinho para ajudar a fazer esses registros preciosos. Ao recolher relatos de pescadores, pescadoras e outras pessoas envolvidas com a comunidade da pesca, os jovens buscaram registrar como a comunidade vê sua relação com o território pesqueiro da APACC e seu entorno. É muito legal a gente observar a forma como a própria comunidade se percebe e conta suas histórias, não é?

A partir da pesquisa de campo, foram feitos três mapas com o histórico de cada uma das comunidades envolvidas, apontando questões ligadas aos saberes tradicionais, as situações de conflitos e necessidades no uso histórico do território. Podemos dizer que esses mapas não estão prontos, porque sabemos que existem muitas outras histórias importantes que não foram registradas aqui. Desta forma, nossa intenção é que o material seja um incentivo e possa despertar a curiosidade e interesse da comunidade pela sua própria história, e para que possam perceber como ela interfere no presente e no futuro do coletivo.

Esperamos que vocês gostem de fazer esse mergulho na história e na cultura da pesca artesanal da APACC, e se animem de passar esses casos pra frente, ajudando a fazer ecoar em cada canto da Costa dos Corais a importância da sua comunidade pesqueira e do cuidado com seu território sagrado.



Como fizemos?

Como já dissemos anteriormente, esse material foi elaborado a partir de conversas entre os jovens envolvidos no projeto Jovens Protagonistas da pesca artesanal na APACC e alguns personagens importantes para as comunidades locais. Precisamos lembrar que este trabalho foi realizado no ano de 2021, quando estávamos vivendo a pandemia do Coronavírus (COVID-19). Para que essas conversas fossem feitas com toda segurança, o grupo precisou se adaptar e respeitar uma série de protocolos. Foram realizados alguns encontros online com todos os envolvidos, e nos momentos presenciais, apenas pequenos grupos participaram de cada entrevista.

Abaixo pontuamos alguns momentos de construção da cartilha:

1.A construção da proposta:

A proposta de elaboração de um mapeamento foi construída pelos jovens a partir de encontros online. Os jovens foram estimulados a pensar em ações para fortalecer o cenário da pesca artesanal em suas comunidades, e foi a partir daí que o grupo propôs a produção de um material onde a própria comunidade contasse suas histórias. Depois de definirem o mapeamento como uma estratégia interessante, os jovens passaram por uma capacitação sobre elaboração de projetos sociais. Com isso, elaboraram de forma coletiva os objetivos, justificativa, metodologia, roteiro de perguntas para as entrevistas e lista com nome das pessoas a serem entrevistadas. A proposta final ainda passou, posteriormente, pela revisão da equipe coordenadora do projeto e de lideranças locais.

2.Pesquisa de campo e organização das informações:

Para realizar as entrevistas de forma a respeitar os protocolos de segurança diante da pandemia, os jovens se dividiram em pequenos grupos, nos quais um jovem realizava sua entrevista acompanhado por uma pessoa do Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade – ICMBio, órgão que coordenou o projeto Jovens Protagonistas.

Após a realização e gravação das entrevistas, elas foram transcritas e organizadas por localidade e tema específico.

3.Oficina de mapeamento:

A oficina de mapeamento envolveu os jovens que realizaram as entrevistas durante a pesquisa de campo e outros colaboradores. Durante esse momento, a partir da consulta das transcrições das entrevistas e da experiência de vida dos próprios jovens, foram elaborados dois produtos: Os croquis com histórias de uso da pesca em cada localidade e os mapas com georreferenciamento, apresentando as coordenadas de uso do território pela comunidade da pesca.

Posteriormente, o trabalho final de ilustração e diagramação foi feito por uma equipe contratada pelo projeto, com supervisão do ICMBio e de um grupo dos jovens envolvidos com a proposta.

Destacamos que as transcrições mantiveram as formas faladas durante as entrevistas, buscando preservar as diferentes expressões linguísticas da comunidade.



ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL
**COSTA DOS
CORAIS**



O PROJETO JOVENS PROTAGONISTAS DA PESCA ARTESANAL NA APA COSTA DOS CORAIS

O projeto Jovens Protagonistas da Pesca Artesanal na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais - APACC, é uma formação e fomento ao surgimento de jovens lideranças no cenário da pesca artesanal desta Unidade de Conservação - UC. A proposta teve início em 2019, envolvendo os jovens das comunidades da pesca artesanal inseridas na região sul da APACC, abrangendo os municípios de Barra de Santo Antônio, Paripueira, e Maceió - Ipioca, todos no estado de Alagoas.

A realização do projeto é uma demanda colocada durante o 2º Seminário da Pesca Artesanal da APACC, realizado em 2018. Nesta oportunidade, as lideranças apontaram como um de seus principais desafios o envolvimento de jovens nos assuntos comunitários. Considerando a importância deste público para a implementação da unidade e para o fortalecimento da organização das comunidades pesqueiras, o projeto foi encaminhado pelo ICMBio, com anuência e apoio de algumas associações comunitárias e ONGs locais, para financiamento do projeto GEF-MAR.

A proposta aprovada, então, se desenvolveu em três etapas:

1. Realização do módulo de construção coletiva da proposta pedagógica. Esta primeira atividade teve por objetivo a estruturação do projeto, identificação das expectativas do grupo, e levantamento de propostas de temas e oficinas de arte-educação que interessavam aos jovens envolvidos. Participaram desta etapa jovens convidados pelas organizações comunitárias, lideranças locais, e técnicos da gestão da UC. Como resultado deste momento, foi construída a proposta pedagógica da fase 1, apresentada na tabela abaixo.

2. Execução da fase 1, que consistiu na realização dos 10 módulos (ou encontros) temáticos desenhados na etapa anterior. Os temas escolhidos e as ferramentas lúdicas de apoio pedagógico foram trabalhados a partir do estabelecimento de diálogo entre os jovens, a equipe coordenadora do projeto e demais instituições parceiras, entre as quais encontraram-se ONGs, instituições do poder público e organizações comunitárias.

3. Apoio no planejamento e orientação para a execução da fase 2 do projeto. Nesta segunda etapa, os jovens foram estimulados a elaborar um plano de ação com intervenções comunitárias voltadas para o fortalecimento da pesca artesanal no território. Este planejamento deve ser executado pelos próprios jovens, num exercício de protagonismo junto às suas comunidades. A equipe pedagógica que atuou na fase 1 passou, neste momento, a ter um papel de orientação e apoio geral.

Vale ressaltar que este projeto teve início antes da pandemia do novo Coronavírus, entretanto, foi executado, em grande parte, durante o período da pandemia. Para superar os desafios da pandemia, foi necessário um grande exercício de diálogo, resultando na formação de um núcleo forte de jovens atuantes que inspiram e estimulam o envolvimento de outros jovens da região.

Além das 3 etapas planejadas, outras ações foram sendo inseridas ao longo da execução do projeto, como a realização de lives, nas quais os jovens entrevistaram personalidades do movimento social e de instituições parceiras; produção de um vídeo que apresenta reflexões sobre o projeto e sobre como o jovem pode atuar no fortalecimento da pesca artesanal; participação em intercâmbios e outras ações de gestão da UC.

Podemos dizer que o compartilhamento de ideias e decisões, o diálogo entre os jovens, lideranças comunitárias e gestores locais, foram as principais estratégias dessa metodologia.

Sem dúvidas, a construção e lançamento desta revista é um belo início para a caminhada dos jovens junto à conservação ambiental, ao fortalecimento da pesca artesanal e à luta pela qualidade de vida de suas comunidades.

Criada pelo Decreto de 23 de Outubro de 1997, a Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais - APACC é a maior Unidade de Conservação - UC federal costeiro-marinha do Brasil, com cerca de 406 mil hectares distribuídos em 120 km de praia entre o litoral de Pernambuco e Alagoas. Os seus limites costeiros encontram-se até onde se faz sentir a influência das marés e o seu limite marinho se dá nas paredes, também conhecidas como quebra da plataforma continental, distante cerca de 30 KM da praia.

Administrada pelo ICMBio, a UC apresenta entre seus objetivos de criação:

I - garantir a conservação dos recifes coralígenos e de arenito, com sua fauna e flora;

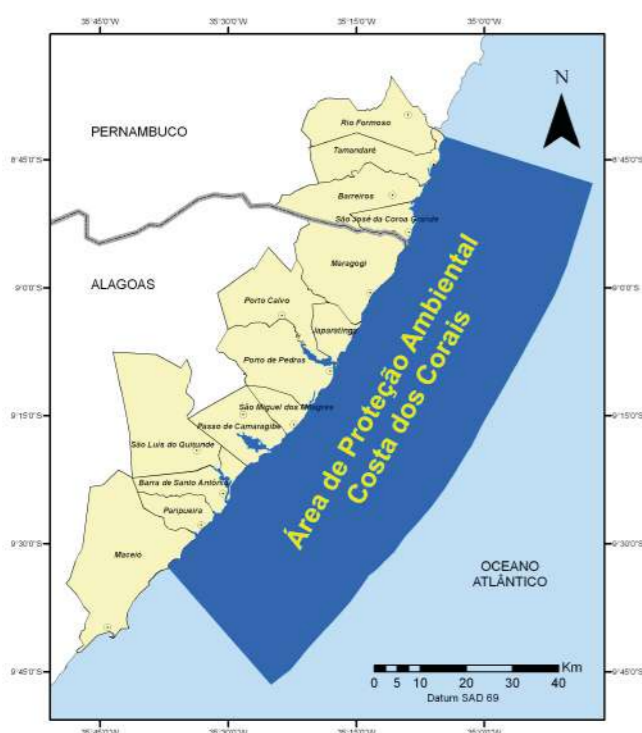
II - manter a integridade do habitat e preservar a população do Peixe-Boi marinho (*Trichechus manatus*);

III - proteger os manguezais em toda a sua extensão, situados ao longo das desembocaduras dos rios, com sua fauna e flora;

IV - ordenar o turismo ecológico, científico e cultural, e demais atividades econômicas compatíveis com a conservação ambiental;

V - incentivar as manifestações culturais e contribuir para o resgate da diversidade cultural regional.

A UC é reconhecida por seu papel pioneiro na conservação de corais e do peixe-boi marinho. Cerca de 200 mil pessoas vivem no seu entorno imediato e dependem economicamente de atividades desenvolvidas na área. O turismo em suas diversas modalidades, desde o turismo de base comunitária ao turismo de massa, e a pesca artesanal são as principais atividades desenvolvidas. A UC é formada por 12 municípios litorâneos de pequeno porte, onde as populações tradicionais se caracterizam pela cultura da pesca artesanal, sendo identificadas como pescadores artesanais ou jangadeiros. Tais povos compartilham o território e dialogam constantemente com os demais moradores dos municípios, que são pessoas que vieram de fora para morar no litoral, veranistas e empreendedores do setor turístico.





Elinete Souza Correia



Luzinete Souza Correia



Jaelson Santos de Lima



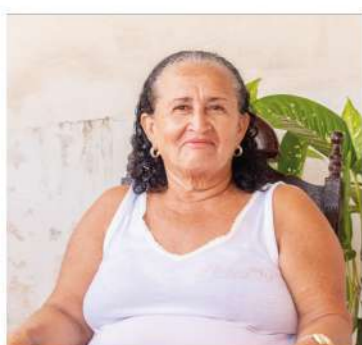
Maria José Miguel dos Santos



Silvana dos Santos



Benedito Barros dos Santos (Biu Capela)



Sônia Maria de Oliveira Santos



Ivete Santos da Silva



Ivone Miguel dos Santos



João Pedro da Silva



Ronaldo Santos da Silva



João Trindade dos Santos (Joca)



José de Israel Benedito dos Santos



Osmário Vital Costa (Prova)



Rodrigo Santana

Entrevistados

Elinete Souza Correia, conhecida como Dona Mana, nasceu no ano de 1957, no município de Barra de Santo Antônio, atualmente continua residindo no mesmo município, trabalhou na pesca artesanal como marisqueira, mãe de três filhos criados com a pesca artesanal junto com seu esposo.

Luzinete Souza Correia, conhecida como Dona Luzinete, nasceu no ano de 1934, município de Barra de Santo Antônio, atualmente continua residindo no mesmo município, atuou na pesca artesanal com mariscagem, pega de caranguejo e rede de arrasto, criou suas 6 (seis) filhas junto com seu esposo com a pesca artesanal.

Jaelson Santos de Lima, nasceu no município de Barra de Santo Antônio no ano de 1973, atualmente continua residindo no mesmo município, trabalha diretamente com a pesca artesanal e turismo de observação na região.

Manoel de Lima, nasceu no município de Barra de Santo Antônio, onde trabalhou como pescador artesanal, e construiu sua família ao lado de sua esposa Dona Cícera, passou seus conhecimentos na pesca para seus filhos e conhecidos. Suas memórias continuam vivas de como era a comunidade barrense e seu convívio com a pesca e a cultura local.

Marinete Santos Silva, tem 70 anos de idade, nasceu em São Miguel dos Milagres e chegou no município com 13 anos de idade, foi uma das primeiras parceiras no município de Barra de Santo Antônio. A mais de 40 anos, através de seus conhecimentos, Dona Marinete contribuiu na área da saúde do município, auxiliando pais e mães na saúde pública municipal.

Silvana dos Santos, tem 47 anos, chegou na Barra de Santo Antônio com 8 anos de idade. Começou na pesca dès de então. Sua curiosidade à levou a aprender as técnicas da pesca artesanal, onde até hoje as aplica. Seu pertencimento com a pesca a faz não deixar sua paixão com o mar, rio e seus elementos.

Benedito Barros dos Santos (Biu Capela), tem 73 anos e construiu sua vida e de sua família através da pesca artesanal e dos pescadores. Biu Capela como é conhecido no município, traz através de suas falas, as lembranças e acontecimentos culturais ligados a tradição barrense e de seu povo.

Sônia Maria de Oliveira Santos, tem 65 anos, é moradora do município de Barra de Santo Antônio e com seu esposo "Biu Capela", construiu sua vida e de sua família com a pesca artesanal, passando seus conhecimentos e de seu esposo para seus filhos e netos. Ajudava seu esposo o auxiliando com as demandas, e foi assim que aprendeu as técnicas da pesca artesanal que passará em frente.

Ivete Santos da Silva, nasceu no município de Marechal Deodoro no ano de 1961, atualmente reside no bairro de Ipioca no município de Maceió, trabalhou diretamente com a pesca artesanal na região.

Ivone Miguel dos Santos, tem 81 anos, mora no bairro de Ipioca no município de Maceió. Foi uma das primeiras residentes do que hoje é chamado de "O Alto de Ipioca". Suas lembranças dessa época reflete uma Ipioca bem diferente dos dias atuais, com manifestações culturais únicas.

Maria José Miguel dos Santos, tem 59 anos, nasceu em Maceió e mora em Ipioca desde seu nascimento. Aprendeu a pescar quando criança e até hoje é o que mais gosta de fazer.

João Pedro da Silva, nasceu no município de Marechal Deodoro no ano de 1959, atualmente mora no bairro de Ipioca no município de Maceió, e atua como pescador na região.

Ronaldo Santos da Silva, nasceu no município de Maceió, atualmente reside no bairro de Ipioca em Maceió e continua atuando na pesca artesanal na região.

João Trindade dos Santos, morador do bairro de Ipioca, possui 68 anos. Faz residência a mais de 40 anos no lugar. E foi no Alto de Ipioca que fez morada e na praia de Ipioca que colocava em prática seus conhecimentos da pesca artesanal, ensinados por seus familiares.

José de Israel Benedito dos Santos, morador de Paripueira, tem 48 anos e começou a ter contato com a pesca aos 17 anos. José de Israel é conhecido como "Jeremias" pelos populares do município, onde através de sua técnica de construção de rede, criou fama entre os pescadores por fazer boas redes de pesca, sendo disputado para criar ou consertar as redes de pesca dos moradores locais que dão continuidade a essa tradição.

Osmário Vital Costa, tem 78 anos. Mesmo não sendo natural do município de Paripueira, "Prova", como é conhecido o seu Osmário, foi um dos primeiros pescadores com técnicas artesanais do município. Através de suas histórias, "Seu Prova" descreve bem os acontecimentos da pesca artesanal, e como o mesmo aprendeu e ensinou seus filhos as habilidades artesanais. "Prova" conta através de suas falas as descobertas e ensinamentos que a pesca artesanal lhe deu.

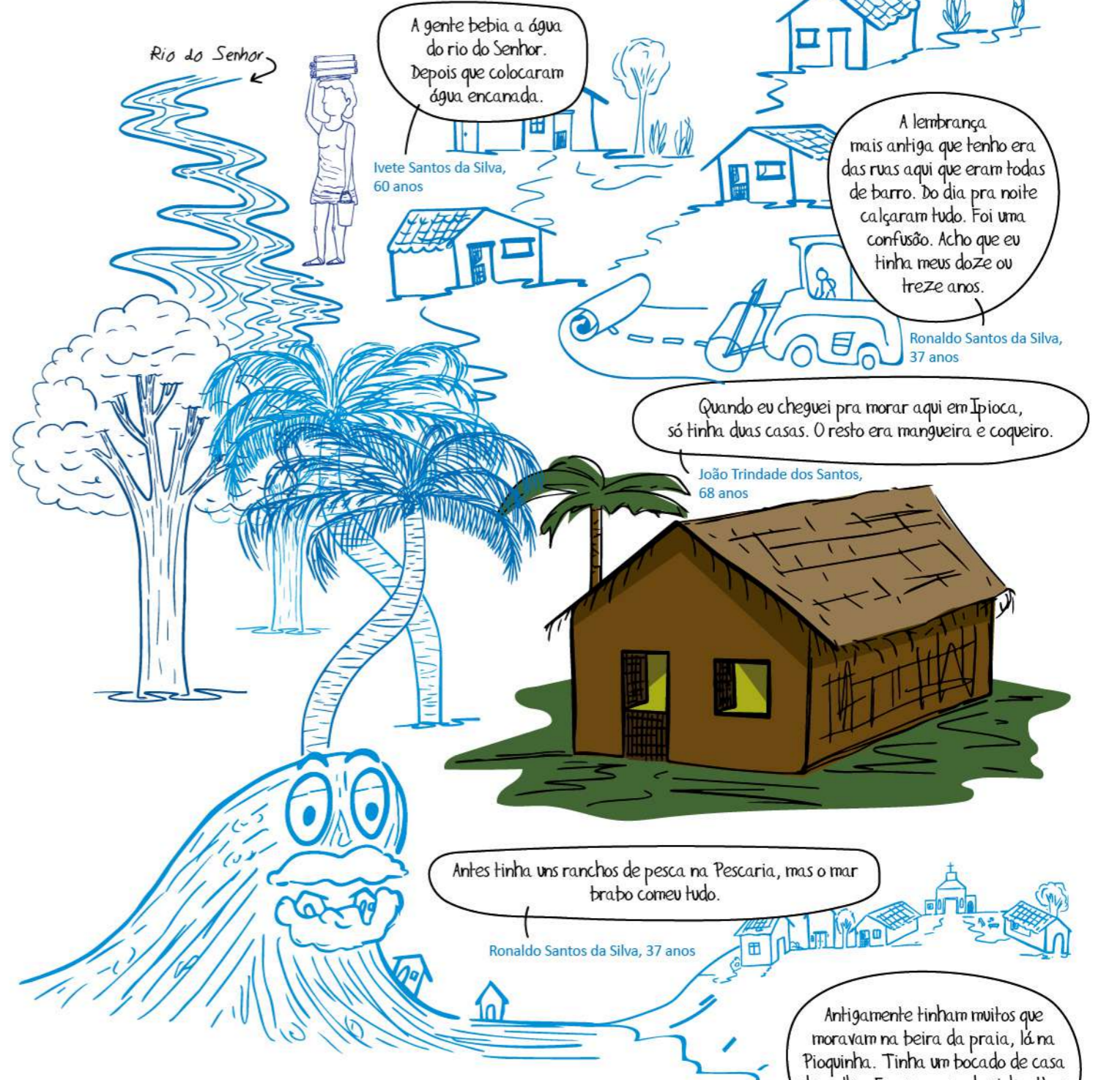
Olga Santana da Conceição, moradora de Paripueira, tem 47 anos. Dona Olga conta suas histórias na visão de uma pescadora e como aprendeu com a vida as técnicas da pesca artesanal e foi passando para seus familiares. As dificuldades não fizeram com que Dona Olga desanimasse e desistisse do que gosta de fazer. "Bem, é o que eu gosto de fazer."

Rodrigo Santana, filho de Dona Olga, seguiu os caminhos de sua mãe. Hoje com 26 anos, é um jovem que aprendeu as técnicas passadas por sua mãe e outros pescadores do município de Paripueira. Seus conhecimentos são a certeza de que haverá continuidade dessa cultura que vem sendo passada de geração a geração.

IPIOCA



Memórias de IPIOCA



Na beira da praia tinha uns ranchinhos de palha que os pescadores faziam pra quando fossem pescar. E as casas do alto eram todas de taipa.

Ivone Miguel dos Santos, 81 anos



Ivone Miguel dos Santos, 81 anos

RELAÇÕES DE TRABALHO



Muita gente trabalhou na fábrica de tecido em Saúde. Eu mesma trabalhei 14 anos lá. As minhas irmãs também trabalhavam na fábrica. Elas eram todas novas e deixaram de estudar pra trabalhar. O povo de Ipioca vivia da fábrica de tecido e da pesca.

Ivete Santos da Silva, 60 anos



Companhia Fiação e Tecidos Norte de Alagoas, funcionamento de 1927 a 1983.



fotos antigas extraídas do site historiadealagoas.com.br

Eu fui pescador, ajudante de electricista, servente de pedreiro, serviço gerais e jardineiro. Tudo isso tem na minha carteira de trabalho.

João Pedro da Silva, 61 anos



Eu já descasquei muito coco, cortei cana, a lentei cana, rsrs.

João Trindade dos Santos, 68 anos

NOSSAS FESTIVIDADES



Na igreja de Nossa Senhora do Ô tinha uma festa muito boa! Aqui sempre teve Pastoril e Baiana das Vêias, que era daqui mesmo. E vinha coisa de fora também. Coco de Roda era o que mais ensaiava aqui nessa redondeza. O Coco se apresentava do palhoção, no Alto e também na escola. Por todo canto se apresentava.

Ivete Santos da Silva, 60 anos



A festa era quando chegava com o pescado em casa. Quando pegava aquele peixe, o marisco, o massunim, a unha de véio. Ai chegava em casa, despnicava o marisco e fazia a festa ali mesmo.

João Pedro da Silva, 61 anos



fotos antigas extraídas do site historiadealagoas.com.br

PRÁTICAS DE SAÚDE

Aqui em Ipioca não tinha posto de saúde. Quando alguém adoecia ai pra rezadeira.



Ivone Miguel dos Santos, 81 anos

Indo na curandeira era certo que a gente ficava bomzinho!



Pinhão Roxo



Vassourinha

A Joana era curadora e parteira. Ela agora tá doente, em cima de uma cama, lá em Paripueira. A mãe dela morreu com 104 anos, era a curadeira velha daqui e a parteira também, o nome dela era Carmelita. A Dona Joanna morava na rua do poço. A Carmelita morava lá na rua do Campo.



Ivete Santos da Silva, 60 anos

E tinha também o Seu Vitor, morreu com 120 anos e morava na rua do cruzeiro, na frente da casa dele tinha uma cruz de pau.



A PESCA NA ALIMENTAÇÃO

O meu pai era pescador, ele morava bem pertinho da praia como daqui pra lá, ele pescava tudo!

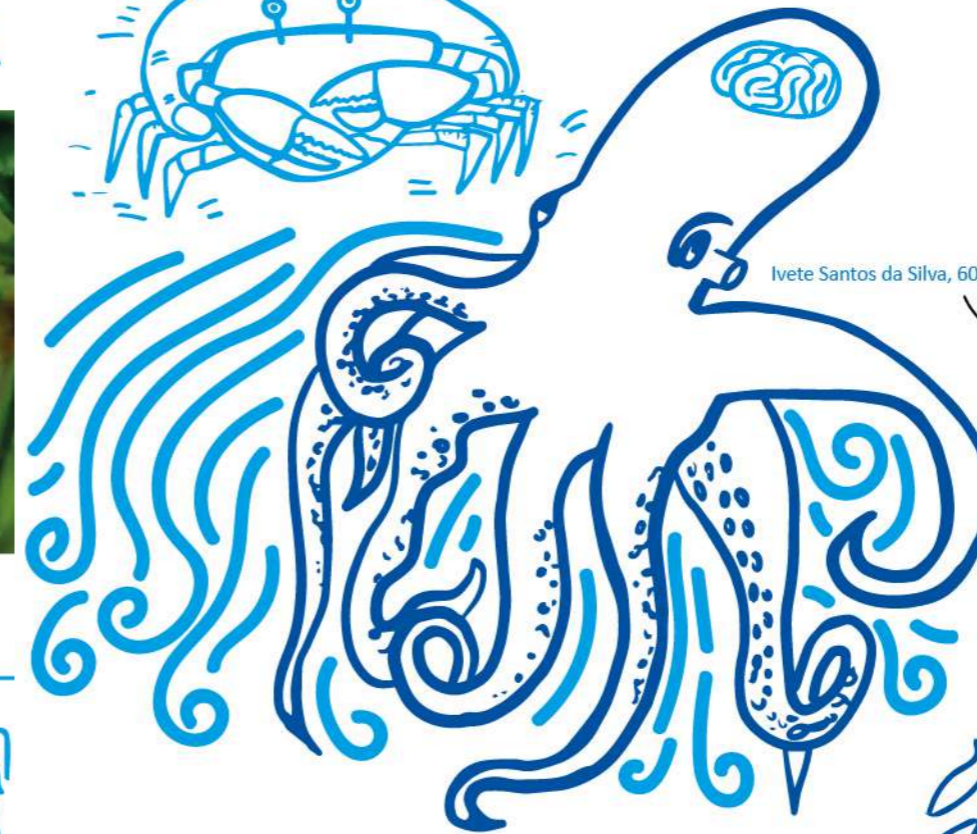
João Trindade dos Santos, 68 anos



Banco de Imagens de Água Doce e Marinha da Universidade de Washington

Ivete Santos da Silva, 60 anos

Polvo, pegava muito, pegava aratu da praia. A gente comia de tudo porque tudo pegava lá.



Naquele tempo as coisas eram difíceis. A gente comia mais farinha e peixe. As vezes tinha feijão. Arroz tinha tempo que nem se cozinhava.

João Trindade dos Santos, 68 anos



Calendário da Pesca - APACC - Ipioca

	Jan	Fev	Mar	Mai	Abr	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Polvo	x	x	x	x	xx	xx	xx	xx	x	x	x	x
Tainha, saúna	x								x	x	x	x
Batata, gato, bíquara, xira, jacuncá, bico	x	x	x	x	xx	xx	xx	xx	x	x	x	x
Lagosta, lagostim	xx	x	x	x	x	x	x	x	xx	xx	xx	xx
Garassuma, garajuba, serra, cavala, bonito, sirigado, caranha, camurim	xx	x	x	x	x	x	x	x	xx	xx	xx	xx
Carapeba, xaréu, garassimbora, pampo, curimã	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Agulhinha	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x



FORMAS DE APRENDIZAGEM DA PESCA



O conhecimento da pesca se aprende com os mais velhos. Eu via meu tio fazendo rede e aprendi tudo.

João Trindade dos Santos, 68 anos



Teve um tio meu que me ensinou a pescar. Quando a gente ia pra praia bater rede, pegar batata na pedras, ele ia me ensinado. Eu não sabia nem mergulhar, nem nadar. Foi ele quem me levou.

Linhas/espinhel.....	21%
Mariscagem.....	20%
Mergulho.....	19%
Redes de arrasto.....	19%
Redes de emalhar.....	15%
Caranguejo.....	2%
Currais e similares.....	2%

Diagnóstico da Pesca APACC



Ronaldo Santos da Silva, 37 anos

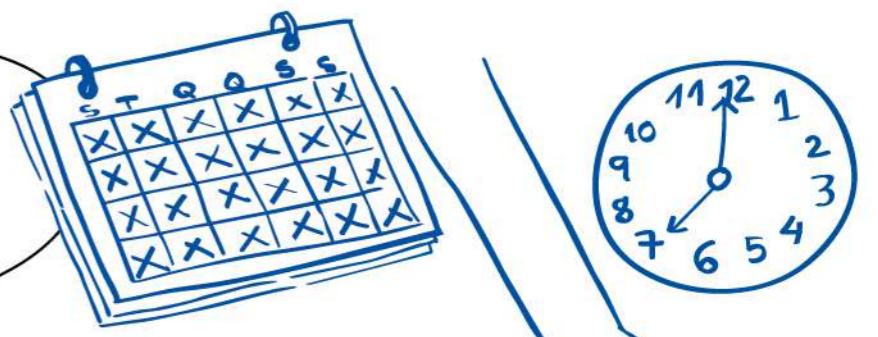


João Pedro da Silva, 61 anos

COTIDIANO DA PESCA

Atuei na pesca, mas hoje em dia não atuo mais que eu não aguento. Mas antigamente eu ia seis dias na semana.

Ivete Santos da Silva, 60 anos



7h da manhã a gente já tava na beira da praia pescando e voltava 7h da tarde. Pegava peixe, pegava o que desse. Ainda hoje a minha irmã vai pescar. Vai pegar massunim na praia sozinha, puxa rede, ainda hoje a minha irmã vai pescar.

Ivete Santos da Silva, 60 anos



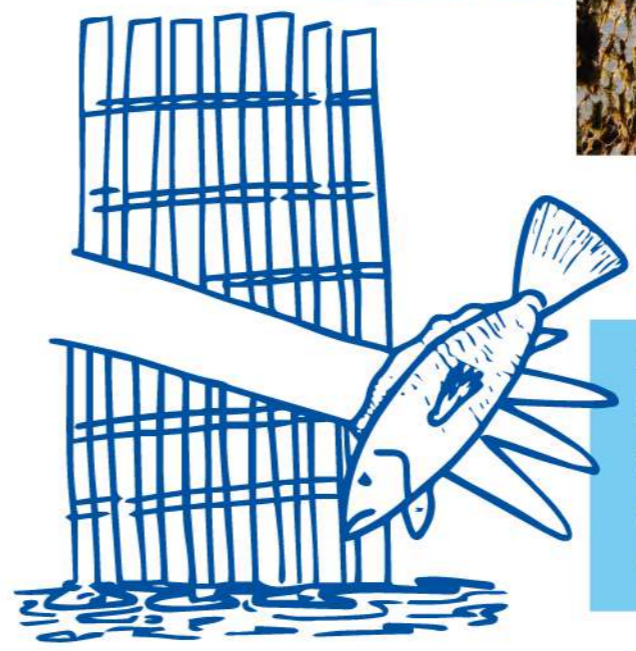
Aqui em Ipioca se alguém não tiver alguma coisa pra comer, vai pra beira da praia e pede ajuda. Qualquer pescador arruma um quilo de peixe pra comer. Não passa fome, né?

Ivete Santos da Silva, 60 anos



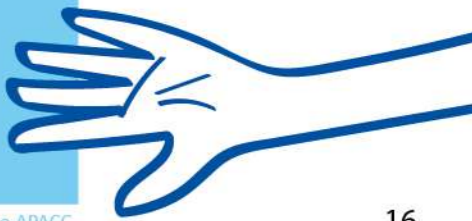
Se eu tiver no Curral e chegar uma pessoa atrás de uma peixe pra jantar, eu dou. Eu sou filha de pescador, sei como é ser criada na pesca.

Ivete Santos da Silva, 60 anos

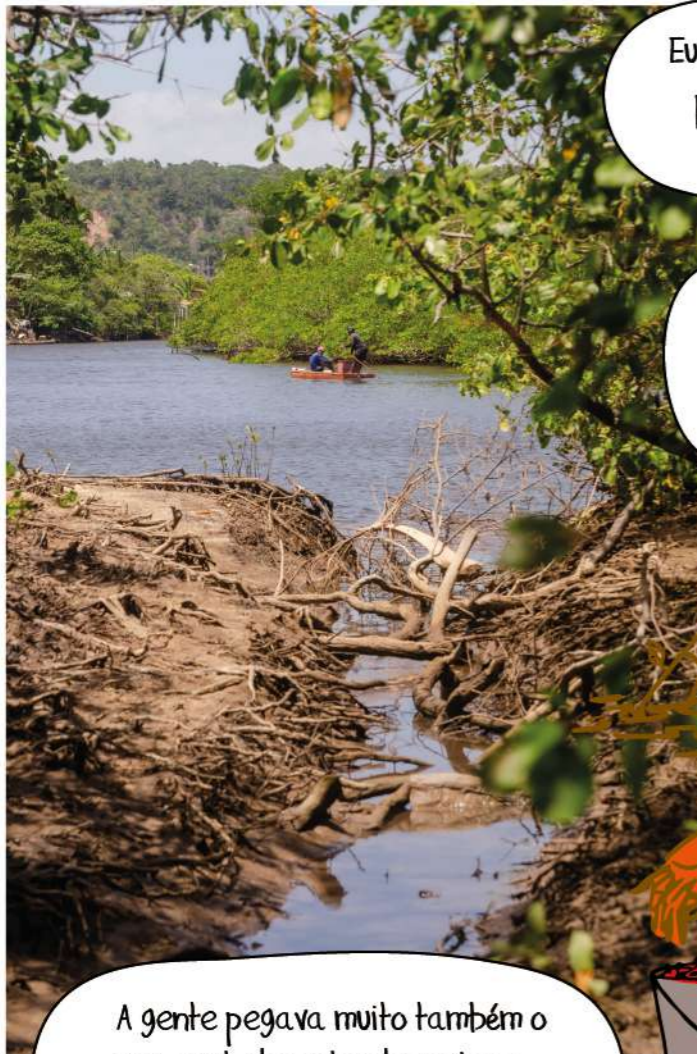


Para quem é vendido o pescado?

Casas da região.....	86%
Peixarias locais.....	10%
Compradores no local de desembarque.....	4%



Diagnóstico da Pesca APACC



Eu gostava muito ir pro mangue pegar uçá. Mas agora estão pegando tão pouco.

Maria José Miguel dos Santos, 59 anos.

Gostava de pegar siri de buraco, naquelas locas que a gente coloca a mão pra pegar o siri.



Aratú pegava de vara no mangue. O balde ficava cheio.

Maria José Miguel dos Santos, 59 anos.

A gente pegava muito também o siri azul, daqueles de gaiteira. Tem a poçinha de água e ele ficava ali no meio. A gente só via os olhinhos dele de fora.

Eu atrepava no mangue assoviando, aí o aratú vinha. Aí eu pegava e jogava no balde.



Tem muita mulher aqui que vive na pesca. Elas vivem do marisco e de outras pescas também. Tem mulher que tira marisco, tira taioba, tira o massunim, tira o perdigão.

João Pedro da Silva, 61 anos

A pesca envolve uma cadeia produtiva e não se resume apenas à captura do pescado. Outras atividades como a comercialização, por vezes realizada pela figura do pombeiro, a carpintaria naval, mecânica e produção de petrechos podem ser feitas pela mesma pessoa que pesca, ou por outras pessoas da família ou comunidade. Na tabela abaixo é possível identificar em qual das atividades os entrevistados para o diagnóstico atuam.

Atuação dos entrevistados na cadeia produtiva do pescado (Diagnóstico da Pesca, 2019)

Captura ou pescaria	74%
Comercialização	26%

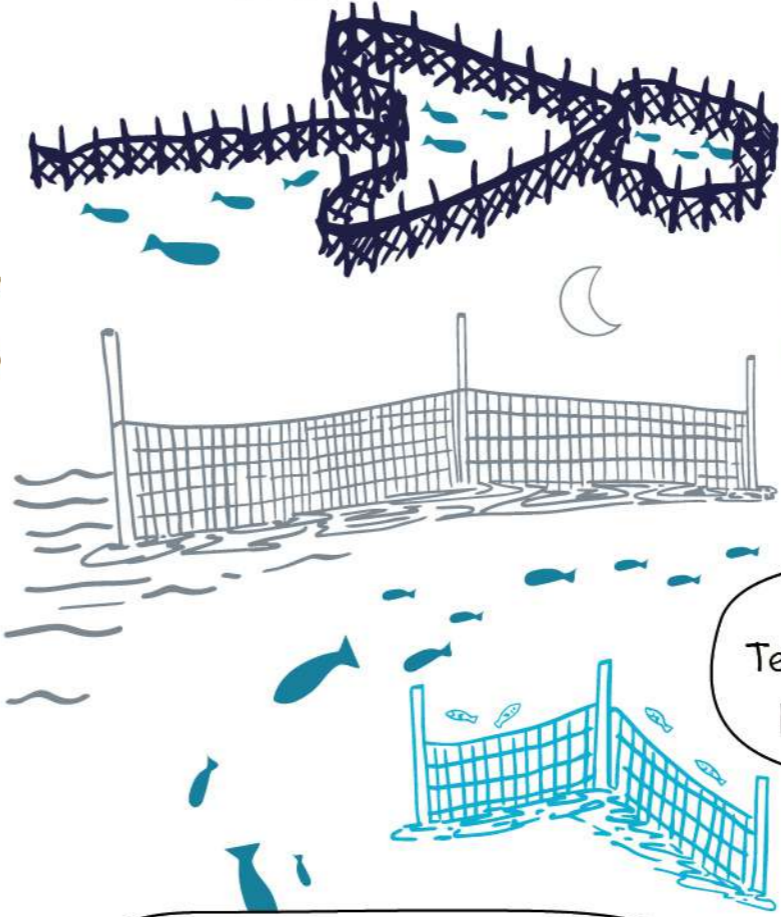


TÉCNICAS DE PESCA

No curral o peixe vem e você vai acompanhando a espera. Na frente, tem o chiqueiro grande e tem o chiqueiro médio, que é o do meio, aí o peixe vai e sai arrodando.

Quando o peixe vai morrer, morre no chiqueiro pequeno, que é o último. Aí quando a maré seca, a gente vai pescar com o reducho. Aí sai cercando, pegando peixe e botando dentro do sacco.

João Pedro da Silva, 61 anos



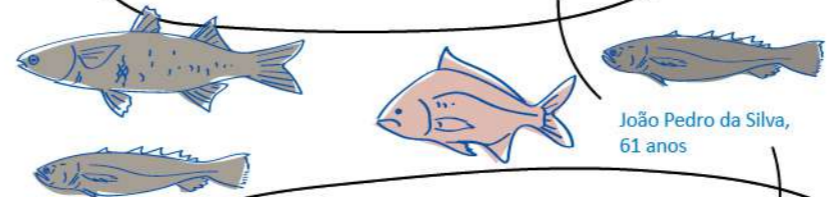
Tarrafa

Reducho

Aqui tem arrasto pra seis dias na semana. Tem um pessoal que trás uma rede lá do campo, que puxa várias pessoas. É peixe pra todo mundo.

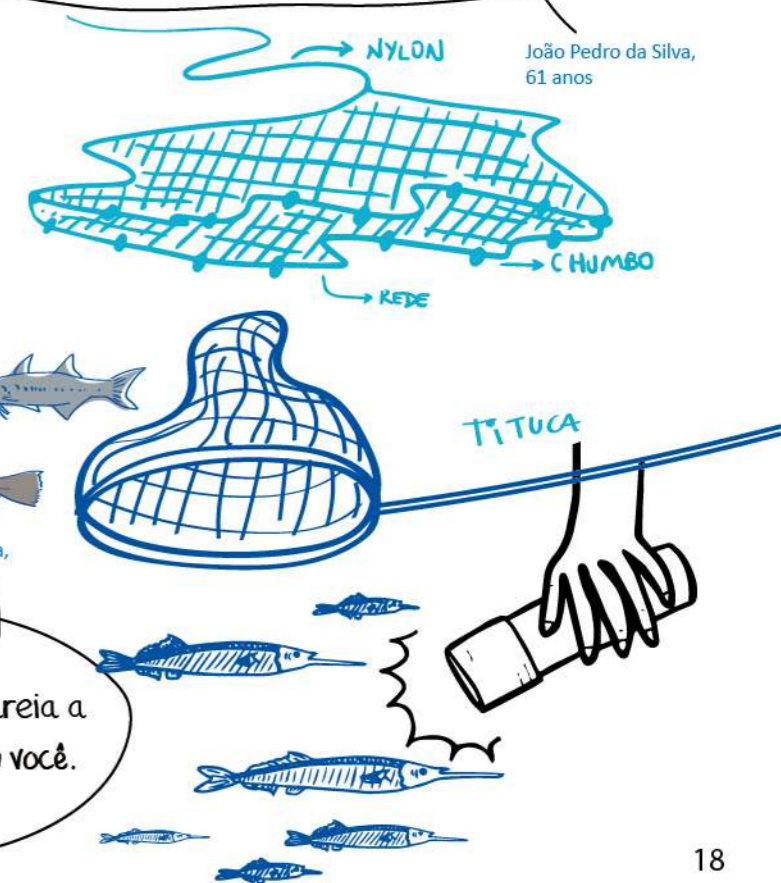
João Pedro da Silva, 61 anos

Tem vez que a gente pega 20 quilos, 30 quilos, 40 quilos, pega xaréu, pega boca mole, pega barbudo, pega tinga, pega tainha, carapeba, até peixe de pedra a gente pega, peixe chamado gato, e o batata.



João Pedro da Silva, 61 anos

Quando você tá com o lampião, o pessoal agora usa lanterna, quando você clareia a tendência é que a agulha fique encostada em você. Aí você vem com a tituca e pega.





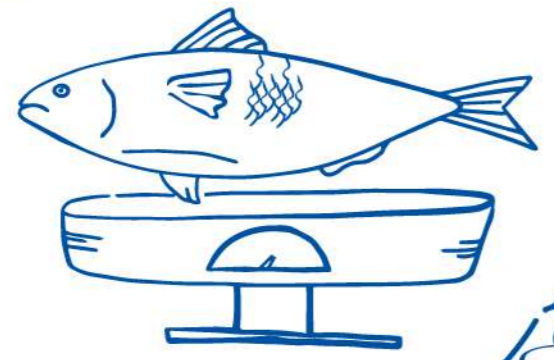
O rancho é pequeno, só para guardar a jangada, o motor, a rede, o reducho e todo material. Mas os donos dos terrenos sempre querem tirar os ranchos de lá. É sempre uma luta.

João Trindade, 68 anos



Muitos vendem o pescado ao povo aqui mesmo, muitos chamam o pombeiro pra ir vender na rua. Vamos supor, eu tenho 1 quilo de peixe aqui, aí o cara compra e já sai vendendo na rua.

João Pedro da Silva, 61 anos



A gente chama de pombeiro. aquele que vende o peixe do pescador. Ele não pesca, ele só vende o peixe do pescador.



João Pedro da Silva, 61 anos

Eu acho que era muito melhor a pesca antes, porque antigamente a gente ia e pegava muito peixe. Hoje mesmo eu fui pro curral, peguei duas tainha, um xaréu maiorzinho, um tibirol e uma tinguá, só esses peixes.

Naquele tempo tinha tudo e muito e hoje em dia não tem

Eu acho que o tempo que tá mudando. Cada ano que passa, eu acho que as coisas pioram mais



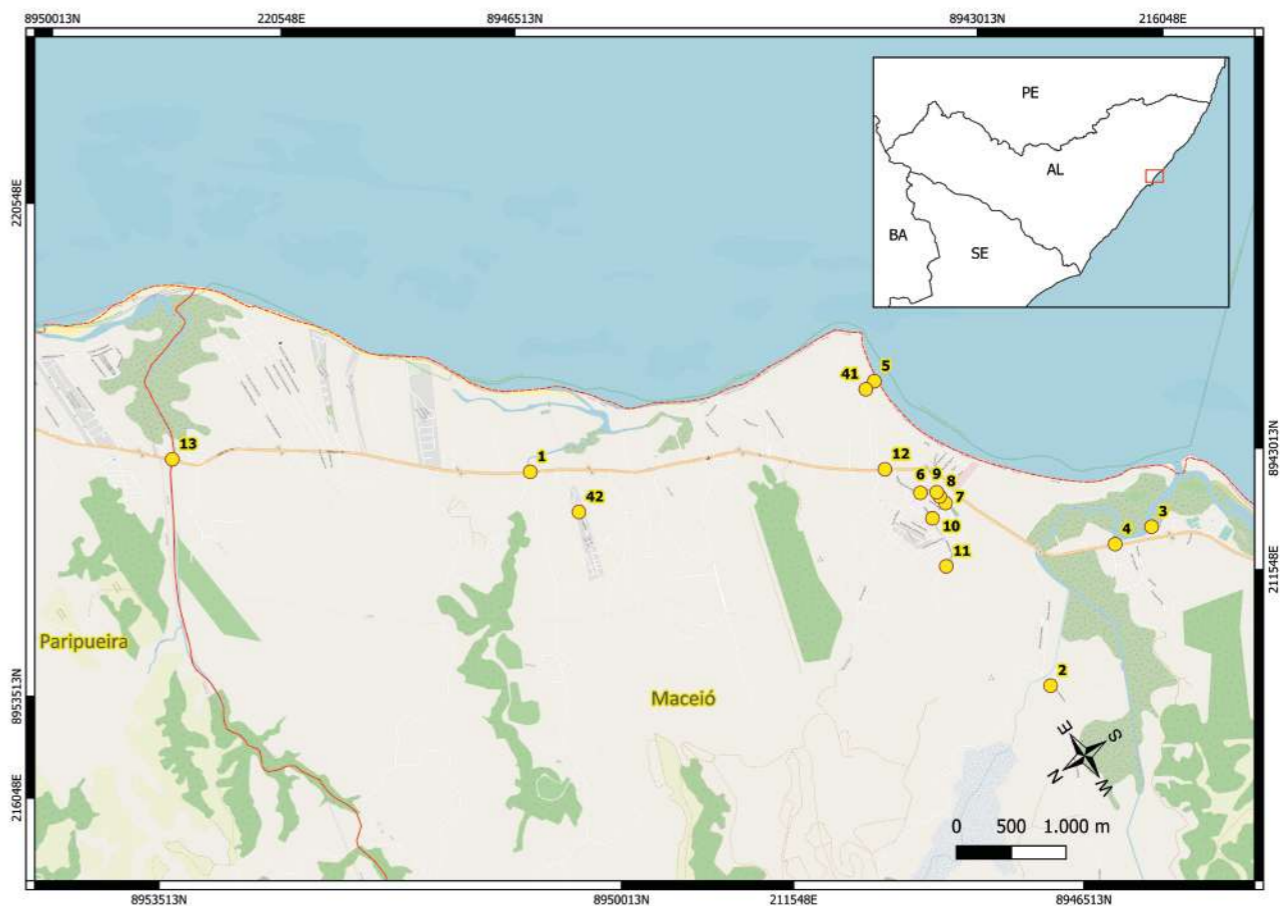
Etnomapa Pesqueiros / Ipioca - Maceió - AL



Legenda

◆ Pontos

ID	Descrição
1	Lama Odísia
2	Pedra Prego / Porto do Prego
3	Estaladeira
4	Ilha Grande
5	Picão do Meio
6	Pedra do barco



Legenda

● Pontos do mapeamento cultura do Bairro de Ipioca-Maceió

▭ Limites municipais

▭ Divisas estaduais

ID	Descrição	Município
1	Ipioquinha - Ponte	Ipioca
2	Fábrica de Tecidos - Povoado Saúde	Ipioca
3	Caminho da Pesca	Ipioca
4	Povoado da Pescaria	Ipioca
5	Ranchinhos	Ipioca
6	Ladeira Manoel Lopes	Ipioca
7	Posto de Saúde	Ipioca
8	Alto de Ipioca	Ipioca
9	Igreja Nossa Senhora do Ô	Ipioca
10	Praça de Ipioca	Ipioca
11	Grota do Facão	Ipioca
12	Rio do Senhor	Ipioca
13	Rio Suaçuhy	Ipioca
41	Forno de Cal	Ipioca
42	Alto do Boi	Ipioca

PARIPUEIRA



Memórias de PARIPUEIRA



Minha lembrança era de lavar roupa no rio do Cachel, que tinha aqui. Eu tomava banho nele e hoje é só um córrego. Eu também ia muito pra roça com meu avô e plantava macaxeira e batata.

Olga Santana da Conceição, 47 anos

Aqui tinha coqueiro demais, a luz quando era 10 horas da noite já apagava e as casas eram só de palha.

Osmário Vital Costa, 78 anos



Eu cheguei aqui já tinha colônia de pescadores. Uma parte do pescado ficava pra colônia no rateio, pra manutenção. No tempo que cheguei aqui ainda era aquela balança velha.

Osmário Vital Costa, 78 anos



Os currais que tem aqui tão acabando. Antigamente tinha mais. Tinha um aqui que era perto do Santiago. Santiago é o nome da pedra.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

RELAÇÕES DE TRABALHO

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

Meu pai tirava coco e minha mãe cuidava da casa.

Minha mãe era costureira e meu pai mecânico.

Olga Santana da Conceição, 47 anos

Eu tinha um irmão que era pescador danado! Eu tinha seis irmãos e só ficou eu.

Meus tios eram pescadores, iam pro alto mar

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

Osmário Vital Costa, 78 anos

Meu pai era pombeiro. Comprava peixe pra secar e vender nas feiras. Vendia em São Luiz do Quitunde. Minha mãe vendia o peixe seco assado.

Osmário Vital Costa, 78 anos

- Captura ou pescaria.....68%
- Comercialização.....19%
- Produção e manutenção de petrechos.....9%
- Carpintaria naval e mecânica.....4%

Diagnóstico da Pesca APACC 2019

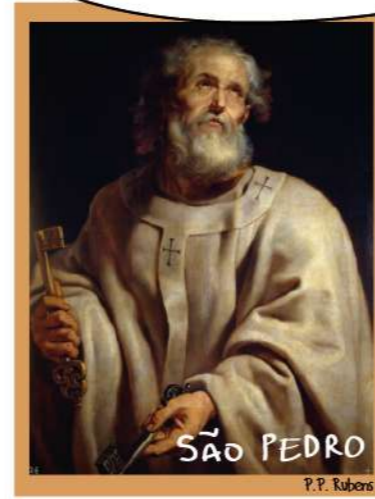
A brincadeira da gente era jogar bola, brincar de mancha, garrafão.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

A PESCA NA ALIMENTAÇÃO

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

Era bonzinho quando tinha os festivais aqui, o Festival da Agulha, Festival do Camarão, tem a procissão de São Pedro, aí tem a brincadeira do quebra pote, pau de sebo e o forrozão tocando.



Rezadeira eu sabia da Dona Amara, ela fazia reza.



Meu pai era velhinho, ele comprava peixe e eu pescava. A comida dele era só quarenta com fubá. Quarenta com feijão de corda.

Osmário Vital Costa, 78 anos

Desde nova a gente saia daqui, meu tio às vezes conseguia uma caçamba, e a gente ia e a gente levava aquelas bacias de roupa e era de encher de marisco. Aí a gente chegava em casa e cozinhava. Eu gostava muito.

Olga Santana da Conceição, 47 anos



Para quem é vendido o pescado?

- Casas da região.....43%
- Atravessadores ou pombeiros.....28%
- Bares, restaurantes, hotéis.....14%
- Peixarias locais.....7%
- Compradores no local de desembarque.....5%
- Associação, Cooperativa, Colônia.....3%

Diagnóstico da Pesca APACC 2019

COTIDIANO DA PESCA



4h da manhã a gente já ia saindo pra pescar. Chegava de volta 4h da tarde. De jangada era longe, de barco em duas horas tava no cabeço. Mas de jangada demora.

Osmário Vital Costa, 78 anos

Aqui em Paripueira é pouca jangada com vela. É mais barco mesmo.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos



Tem gente também que usava um produto pra limpar o barco e hoje não usam mais. Não jogam mais óleo na água. Antigamente jogava.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

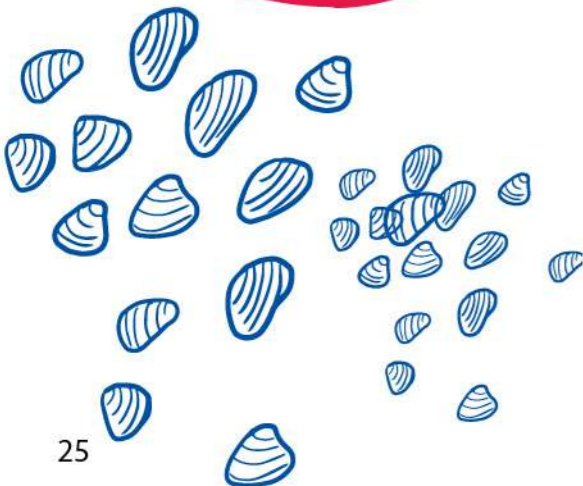
Tem a época de defeso que não pode pescar camarão ou siri. Se cada um seguir essa regra, dá pra todo mundo pescar e não vai causar nenhum dano na quantidade de pescado.

Olga Santana da Conceição, 47 anos



Calendário da Pesca - APACC - Paripueira

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Guarajuba, caincain, bocamole, ubarana, garassuma, serra, sardinha, bonito, pilombeta, ariocó, pescada, curuca, arenque, corona, carapitinga					X	X	X	XX	X			
Tainha, saúna	X	X	XX	XX	XX	XX	XX	XX	XX	X	X	X
Maçunim, marisco, ostra, taioba, bedigão, unha de velho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Polvo												
Lagostim												
Lagosta												
Batata, xira, piraúna, biquara, bico, dentão, budião, gato, sapê, coroque, bobó	X	X	X	X	XX	XX	XX	XX	X	X	X	X
Arabaiana, sirigado, cavala, dourado, atum, ciona, agulhão de vela, albacora, caranha, garacimbora, cangulo, pargo	X	X	X						X	X	X	X
Agulhão	X	X	X	X					X	X	X	X
Agulhinha	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Agulha preta	X	X	X						X	X	X	X
Xaréu, camurim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Anchova				X	X	X	X	X				
Camarão branco, rosa				X	X	X	X	X				
Siri	X	X	X	Xx	Xx	Xx	Xx	Xx	X	X	X	X



TÉCNICAS DA PESCA

Eu faço todo tipo de rede, a diferença tá na malha, e quanto menor a malha, a rede fica mais cara por que é mais difícil de entralhar. Eu produzo rede de lace, mas as outras eu entralho também. Se chama rede de caceia, aquela pescaria que arreja a rede e depois puxa. Ai quando bota a rede de um dia para o outro é rede de enjoada. Só não faço tarrafa.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos

Essa rede eu tô entralhando. A gente diz entralhando quando tá fazendo uma rede nova. Quando é pra ajeitar uma rede usada, a gente diz que está remendando. Em sete horas eu faço uma dessas, que tem 200 metros.

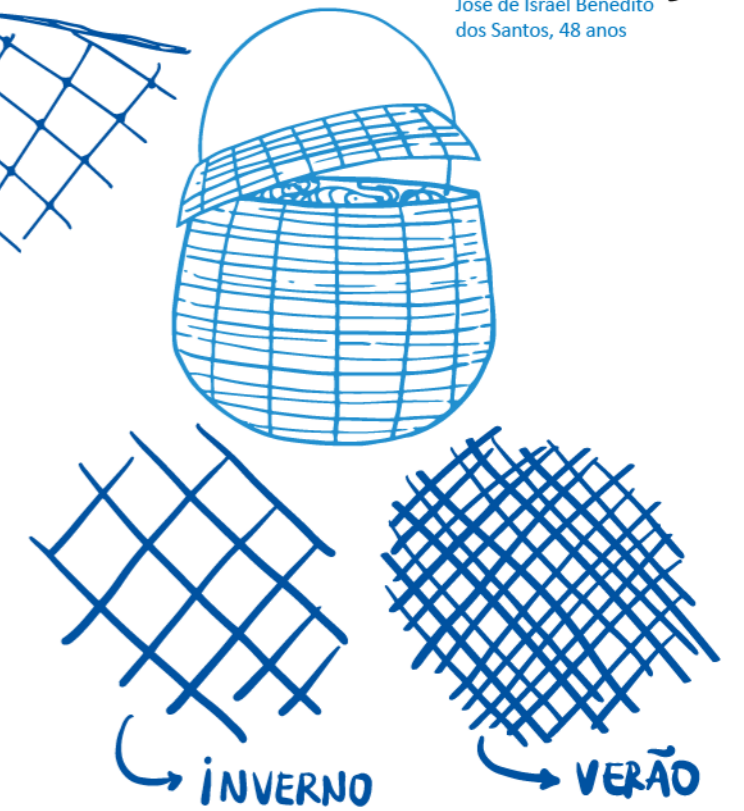
José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos



Do inverno ao verão a rede não para. Muda só o tipo da rede. Chegou no inverno já muda a rede, é uma de 40 ou é de 50. No inverno a malha é pra pegar peixe maior, quando chega no verão a malha tem que diminuir por que o tamanho dos peixes já diminuem também. E a gente já diminui a malha pra pegar mais peixe por que a peixaria já enfraquece.

E no inverno é mais rede e no verão é mais linha.

José de Israel Benedito dos Santos, 48 anos



Tinha dois caras que faziam jangada, tinha o Ribeiro e o Mané Fulô. Seu Mané Fulô fazia umas jangadas boas. Uma vez ele fez uma jangada pra mim de seis palmos. A jangada era tão boa no mundo que ela ia longe. Abria a vela dela na praia e ela já passava e ia longe. Todo mundo queria pescar nela.

Osmário Vital Costa, 78 anos



CAMINHOS DA PESCA



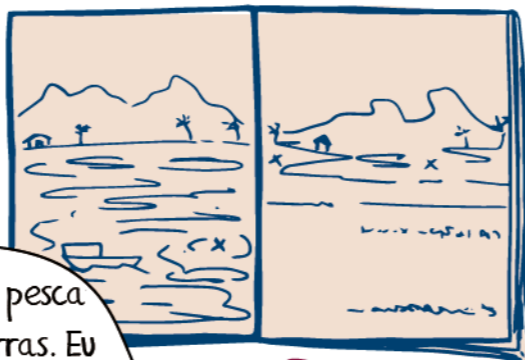
Teve um cara aqui que ia com os pescadores e só pegava saia e traíra. Gastava o barco, gastava combustível e ficava bravo. Aí me chamaram pra ir com pescar com ele. Quando chegou lá, eu disse pra ir devagar que o cabeço ia chegar. Eu disse que tava bem em baixo. Aí ele parou, botou a linha e quando ela chegou lá em baixo, já fisingando um ariocó.

Osmário Vital Costa, 78 anos

Eu tenho até um cabeço em meu nome. Achei primeiro, aí coloquei o meu nome.

PROVA
Osmário Vital
Costa, 78 anos

A gente marca os locais de pesca pelos carimanzinhos, as serras. Eu tinha um livro que os cabeço que eu encontrava, eu anotava



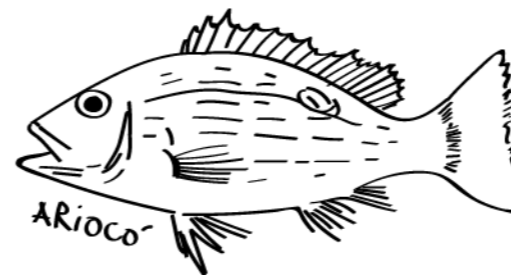
Quando a gente vê do mar, sempre tem um canto que dá uma baixada, aí quando a gente vê o carimã sai, aí a gente vê é o Carimã Grande, o Dois Irmãos, e por aí vai marcando. O carimã maior que dá pra marcar é o Dois Irmãos, dá pra marcar até a Barra.

Rodrigo Santana, 28 anos

Voltando o mar era brabo. Tinha a Baixa do Caueiro, o mangaba, a Baixa Funda. Tem duas que a gente passa no meio, tem duas que a gente passa livrando, pra depois chegar na beira da praia



FORMAS DE APRENDIZAGEM DE PESCA



Quando eu achei esse cabeço, foi quando eu vim da Barra.

Aí de cá eu vi uma jangada lá pescando, aí eu disse, onde é aquilo? Eu vou atrás desse cara. Aí eu fui e quando cheguei lá era os pescador de São Gonçalo pegando cavala, cada peixe, aí eu ainda peguei um dourado, aí montei a jangada pra vim embora, aí eu vim andando assim, quando eu tô comendo um lanche eu vi foi um barulho na frente da jangada, quando eu olhei era guarajuba, só era guarajuba. Aí eu não tinha mais isca, eu disse, vou marcar. E marquei, eu era bom marcador.

Osmário Vital Costa, 78 anos



Sempre trabalhei com a pesca. Eu tinha jangada. Eu era pombeiro, comprava o peixe e vendia aqui. 60, 70, 80 quilos de peixe eu vendia por dia. O pessoal gostava de comprar a mim, diziam, vou pra casa do Prova. Eu comprava na beira da praia e pescava também. Pescava agulha branca, pegava um samburazão de agulha. Tinha o Seu Olindino, tinha o João Pombeiro, tinham vários pombeiros. Tinha uns que levavam pra São Luiz, pra esses cantos. Eu vendia em casa

Osmário Vital Costa, 78 anos

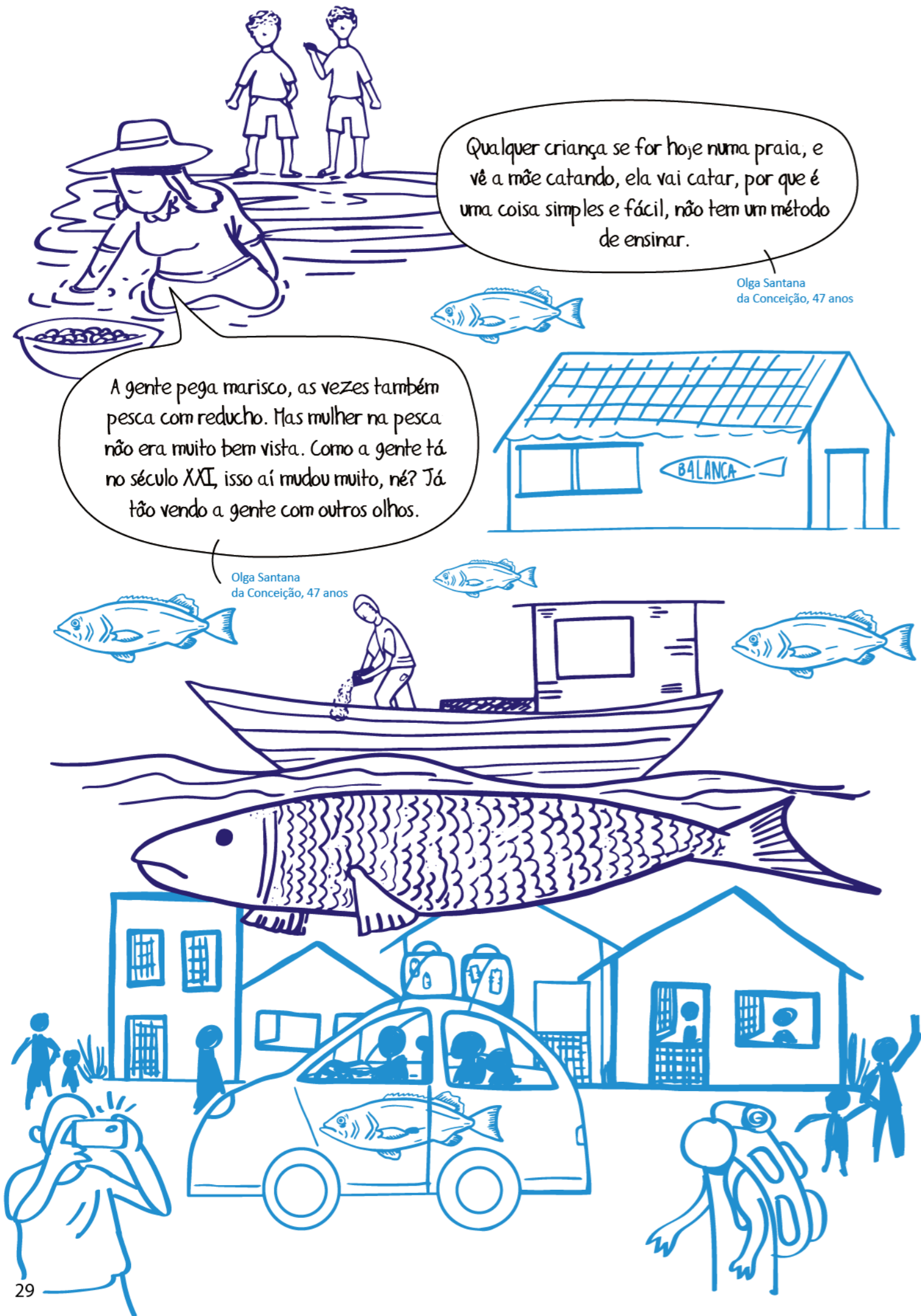


Ele dizia: 'molha a vela'!

O Nil Progresso era um pescador bom! Só ia pros cabeço e pegava peixe bom. Eu pesquei mais ele, foi ele quem me ensinou. Quando foi um dia ele disse pra eu levar a jangada. Ele já tinha me dado umas dicas antes de onde eram os cabeços. Eu fiquei só olhando, marcando onde tava, localizando pelos carimã, as serras. Quando chegamos lá fora, no mar aberto, eu olhei e ele disse: "quando quiser ferrar a vela diga". E eu achei onde tava o cabeço.

Osmário Vital Costa, 78 anos

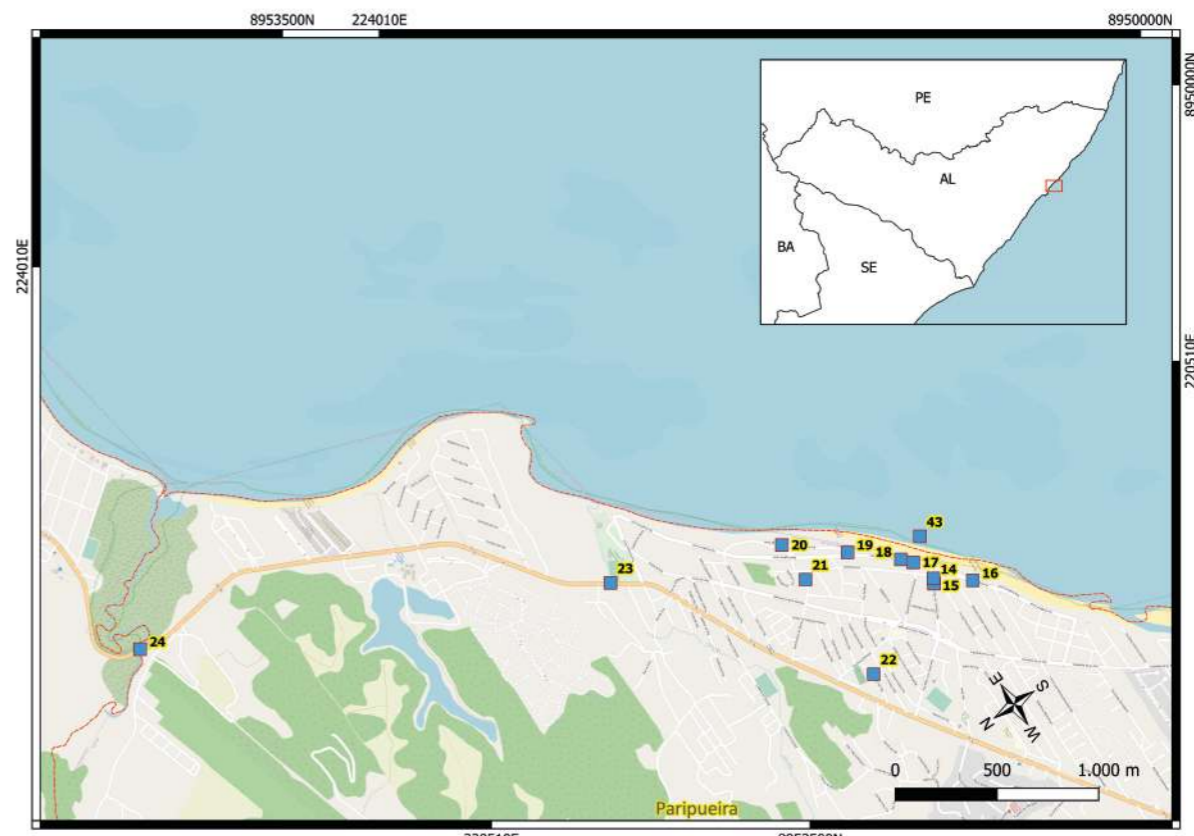




Etnomapa Pesqueiros - Paripueira-AL

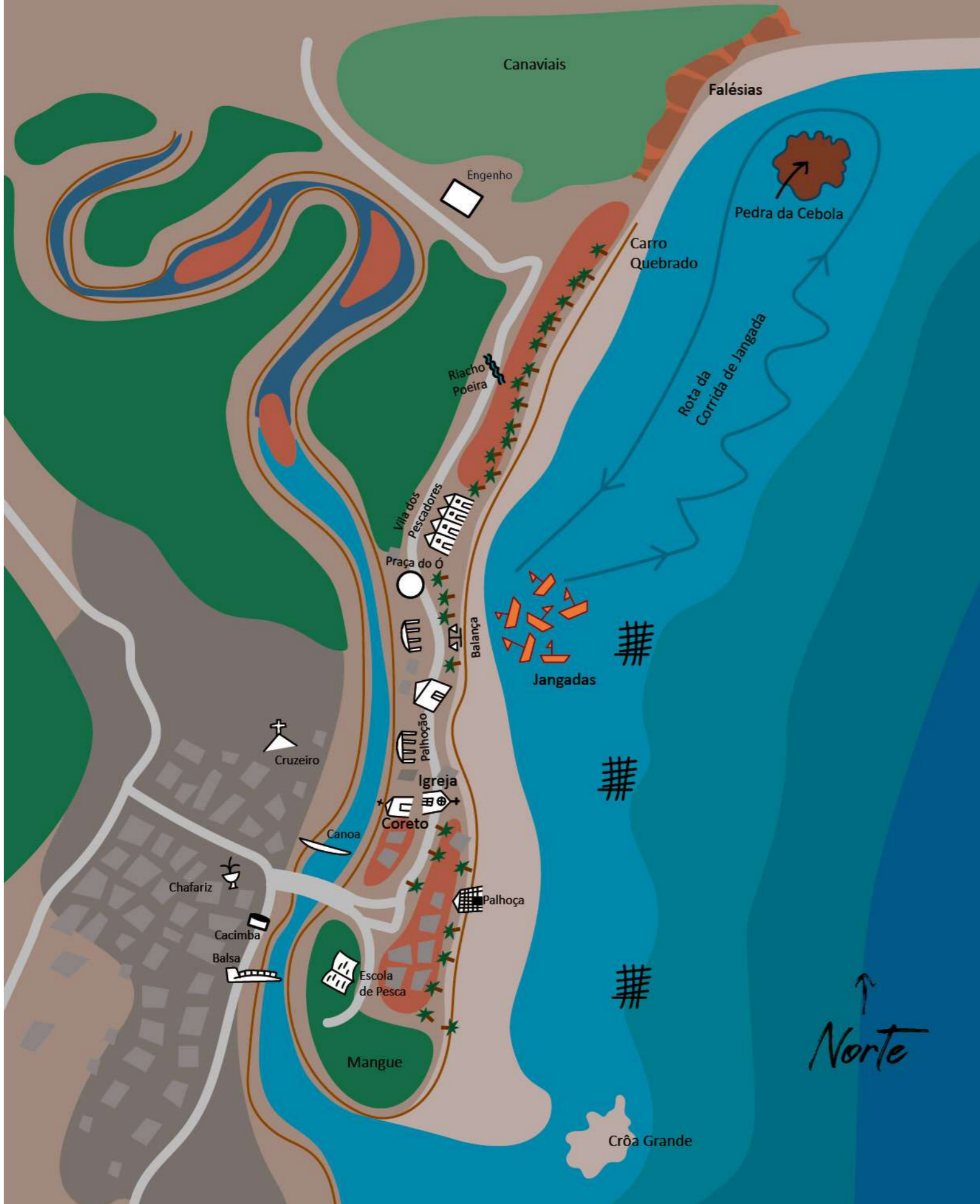


ID	Descrição	20	Pedra da Rua	31	Lastro do Dal	42	Sonho verde	53	Paredão
1	Lama do sul (arrasto de camarão)	21	Catolé	32	Lastro do Prova	43	Mangue de Fora	54	Nau do Solteiro
2	Pedra Podre	22	Vicente	33	Baixa Grande	44	Mangue da Ribeira		Rio Cachel
3	Pedra do Santiago	24	São Gonçalo	34	Corre água	45	Lama do Norte		Fábrica de gelo
4	Pedra do Peixe-boi	25	Molta Chata	35	Dois Irmãos	46	Costa Brava		Colônia
5	Pedra do Davi	26	Pifeiros (cabecos)	36	Asplana	47	Santa Luzia		
6	Pedra do Sapucaí	27	Dois Irmãos	37	Catete	48	Ilha de Sapucaí		
17	Lastro da Igreja	28	Mendengue	38	Mangulinho	49	Pedra do Alexandre		
18	Sete Contos / Cantos	29	Laminha	39	Mata Rocha	51	Grião / Ilha / Ouriço		
19	Rosa Linda	30	Forte	40	Taci	52	Tabuba		



ID	Descrição	Município	22	Casa de José Israel (prova)	Paripueira
14	Colônia de pescadores	Paripueira	23	Rio (perguntar nome a jósias)	Paripueira
15	Igreja Santo Amaro	Paripueira	24	Rio Sapucaí	Paripueira
16	Peixaria do Louro	Paripueira	43	Local de atraque dos barcos	Paripueira
17	Antiga balança	Paripueira			
18	Ponto de confecção das redes-Jeremias	Paripueira			
19	Local atual da balança de peixe	Paripueira			
20	Barraca do Cal	Paripueira			
21	Antigo rio de Paripueira	Paripueira			

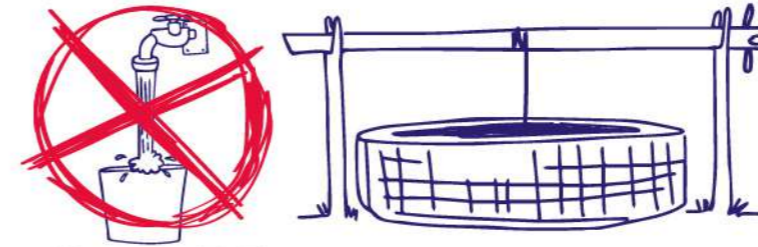
Barra de Santo Antônio



Memórias de BARRA DE SANTO ANTÔNIO

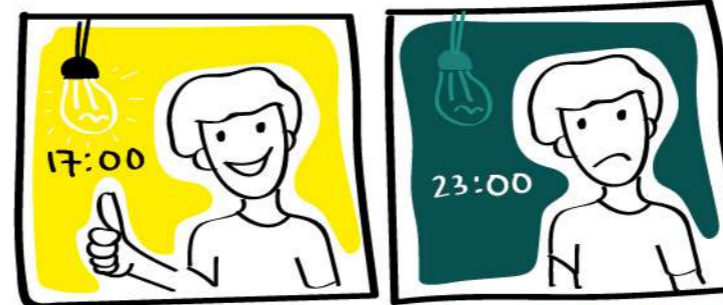
Antigamente não tinha água encanada. Tinha a cacimba que ficava em frente ao Conselho Tutelar.

Silvana dos Santos, 47 anos



aqui a energia era a motor, 17 horas acendia e 23 horas da noite apagava, eles davam sinal que iria desligar, ninguém pagava

Luzinete Souza Correia, 87 anos



Tinha o chafariz da praça da Vanir, antigamente era praça do chafariz e a gente ia pegar água lá. O chafariz era uma torneira grande que todo mundo enchia seus baldes.



Silvana dos Santos, 47 anos

Aqui tinha a rua da frente, que é próxima ao rio Santo Antônio, e a rua de traz. Só existia essas duas ruas.

Biu Capela, 73 anos



Biu Capela, 73 anos fotos antigas extraídas do site historiadealagoas.com.br

Tinha alguém que morava lá na beira da praia, mas era aqueles barracões, do tamanho dessa sala, coberto de palha e arrodado de pau, com o fogo de lenha lá no chão, pra dormir era em cima do dumas varas com uma esteira em cima.



Tem a Vila do Aratú, tem a Vila dos Sem Terra, tem a Vila dos pescadores, tem a do Tabefe e a Vila da Balança da praia. Todas tem pescadores lá.

Jaelson Santos de Lima, 48 anos



NOSSAS FESTIVIDADES

Quando chegava o primeiro dia de Santo Antônio, a gente pescava e colocava lá na colônia um cestão. Cada pescador que chegava botava peixe. Um botava o Arabaiana, o outro colocava camarão, colocava Gara, juba, toda qualidade de peixe que tinha eles botavam. Aí o presidente vendia aquele pescado ali e ia juntando. Quando era perto da festa, ia fazer a cota com a gente, os pescadores.

Manoel de Lima, 80 anos



Vinha sanfoneiro de fora bom, vinha Antônio Baião, Trio Nordestino, só vinha sanfoneiro bom.

Manoel de Lima, 80 anos



Tinha chegança, baiana, pastoril. Esse negócio de festa era bunito viu? Hoje em dia ninguém faz mais nada.

Biu Capela, 73 anos

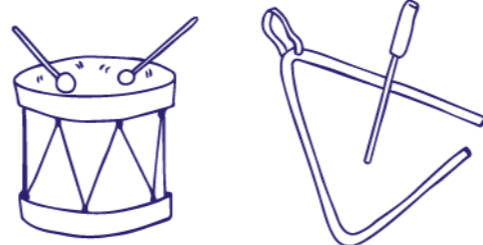
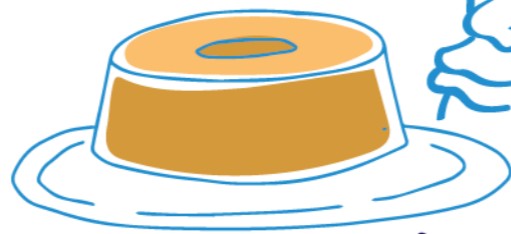
os blocos de carnaval aqui da Barra. Um milhão de amigos, o Sai da Frente, tinha pagode, zabumba, quadrilha pastoril, baiana (biu da Nonô) era no palhoção.

Luzinete Souza Correia, 87 anos



pegava madeira para as fogueiras, colocavam as comidas na mesa como jenipapo, jurubeba, bolo de massa puba...

Luzinete Souza Correia, 87 anos



Mandava buscar os tocadores Mazolinha, Gerson Eduardo, Antônio Café.

Luzinete Souza Correia, 87 anos

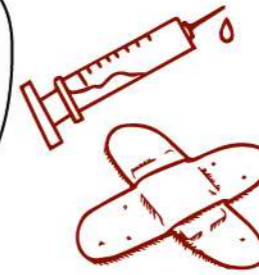
PRÁTICAS DE SAÚDE

Íamos rezar santo antônio, todas eram da pesca. As rezadeiras moravam todas aqui na ilha da crôa.

Luzinete Souza Correia, 87 anos

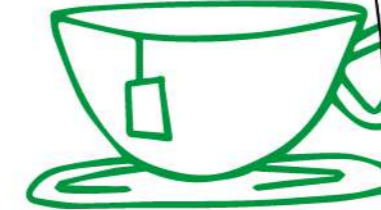
Quando alguém adoecia levava pra o médico, e ia pedir ajuda na colônia também. Mais primeiro ia logo pra o rezador, se não melhorasse ia pra o posto de saúde. Dava remédio e tudo, mas só curava com rezador.

Elinete Souza Correia, 64 anos



Silvana dos Santos, 47 anos

Eu sou ainda do tempo da minha avó, gosto de fazer lambedor com todos os matos. É manjericão, hortelã da folha grossa. Se tá com febre eu corro e vou pegar eucalipto, faço o chá pra febre. Tá com gripe, é o agrião e mastruz.



Silvana dos Santos, 47 anos

Tem a parteira Marinete e a Dona Amara Cega. Ela faz cura de ramo. A saúde das mulheres grávidas era com Dona Marinete.

Tinha a comadre cecília, dona Zita. Todas as minhas filhas nasceram de parteiras.

Luzinete Souza Correia, 87 anos

POSTO SAÚDE

Eu atendia no Posto São Sebastião. A gente tinha uma mini maternidade. Antes de ter a maternidade eu já fazia parto. Durante o tempo que eu faço parto, graças a Deus, nunca morreu uma mulher na minha mão.

Pegar menino é comigo mesma e fazer parto. Não tenho inveja de médico, nem de ninguém.

Marinete Santos Silva, 70 anos



RELAÇÕES DE TRABALHO

Casei muito nova com 14 anos, com 15 tive a primeira filha, com um ano tive outra, no outro ano tive outra rrsrs (risos), parei com 5 filhos.

Silvana dos Santos, 47 anos



Eu ia pra beira da praia, e ficava vendo, aí aprendi a pescar.

Sônia Maria de Oliveira Santos, 65 anos



Silvana dos Santos, 47 anos

Minha mãe trabalhava com a palha da cana.



Trabalhei como doméstica na casa de uma senhora, trabalhei na cozinha de restaurante, trabalhei plantando cana.



Quando eu tinha numa base de uns 10 a 12 anos, quando eu vinha com o meu pai lá das grotas, a gente vinha comprar peixe, trazia coisa pra vender, era macaxeira, batata, aí eu vim pra aqui e gostei daqui e fiquei até hoje.

Manoel de Lima, 80 anos



o lazer da gente era futebol, jogo de ximbra e pião

Jaelson Santos de Lima, 48 anos



FORMAS DE APRENDIZAGEM DA PESCA

Eu fui crescendo naquilo, minha avó pescando, minha mãe, minha tia tirando Unha de Véio, pegando Massunim, eu fui crescendo, me casei, me tornei mãe de família, e até hoje não tem como largar. Até minha pequenininha sabem tirar Massunim.

Silvana dos Santos, 47 anos



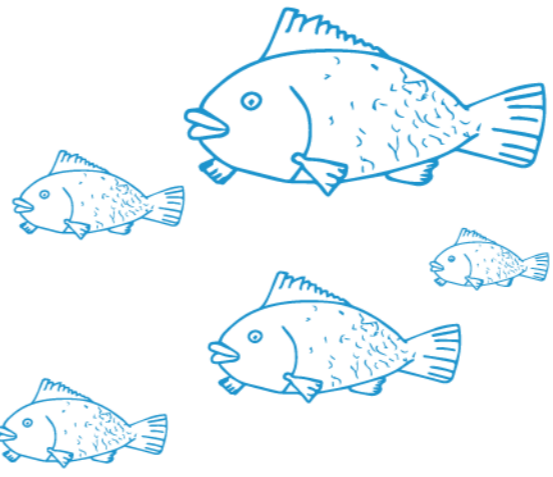
Com meu pai eu aprendi a fazer serviço de rede e pescar costeiro, que é com rede de arrasto, mangote, tainheira, tudo fazia parte do costeiro. Alto mar eu aprendi a pescar com o Camacho, depois comecei a pescar com o Rodeira e o Sorriso.

Jaelson Santos de Lima, 48 anos



De vez em quando meu pai pegava muito peixe, e minha mãe ia pra feira de São Luís do Quitunde vender. Eles iam de canoa pelo rio Santo Antônio. Meu pai passou a função pra mim, mas na minha época já tinha transporte, já pegava kombi e caminhão.

Jaelson Santos de Lima, 48 anos



Calendário da Pesca - APACC - Barra de Santo Antônio

	Jan	Feb	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Maquinim, marisco, taioba, unha de velho, ostra, siri	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
sururu	x	x	x							x	x	x
Camarão branco				x	x	x	x	x				
Camarão espigão = 7 barbas					xx	x	x	x				
Camarão garrote = Vila Franca												x
Agulha preta	x	x	x					x	x	x	x	x
Serra, cavala, garassuma, ariocá, bonito, guarajuba					x	x	x	x				
Sardinha	x	x	x								x	x
Pescada branca, curuca, ferreiro, boca mole, gorona, espada, juruna, pescada, pilombeta, coroque	xx	xx							x	x	x	x
Xaréu	x	x	x							x	x	x
Garacimbora, albacora, dourado, bicuda, atum, agulhão de vela, cavalinha	x	x	x							x	x	x
Carapicu, arenque, pelada, biribiri, cabeça de côco				x	x	x	x	x				
Batata, bobó, gato, piraúna, xira, cangulo, pirambu	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Carapeba, carapitinga, camurim, bagre, barbudo						xx	x	x	x			
Tainha, negrão, saúna, curimã	x	x	x									
Cioba, sirigado, arabaiana, dentão					xx	xx	xx	x	x			
Lagostim	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Lagosta						x	x	x	x	x	x	
Polvo	xx	xx	xx	x	x	x	x	x	x	x	xx	xx

TERRITÓRIOS MARÍTIMOS

Ahh, eu gosto do mar.. A gente quando tá no mar, a gente não escuta, nem nada né, só fala com Deus!

Biu Capela, 73 anos



Eu pesco camarão de água doce, gosto de tirar massunim, gosto de tirar sururu e sei pescar também siri. De maré, de mangue e de lama eu gosto de mexer. Só não mexo quando tem tibórnia, aquela porcaria que jogam na água, aí eu não entro.

Silvana dos Santos, 47 anos



Esse camarão que a gente tirava na rede de arrasto já servia pra pescar de anzol no alto mar.

Jaelson Santos de Lima, 48 anos

Um dos primeiros a pescar em alto mar foi o Lelito, o Quindim, ainda me lembro desses. Esses iam pro alto mar de jangada.

Jaelson Santos de Lima, 48 anos

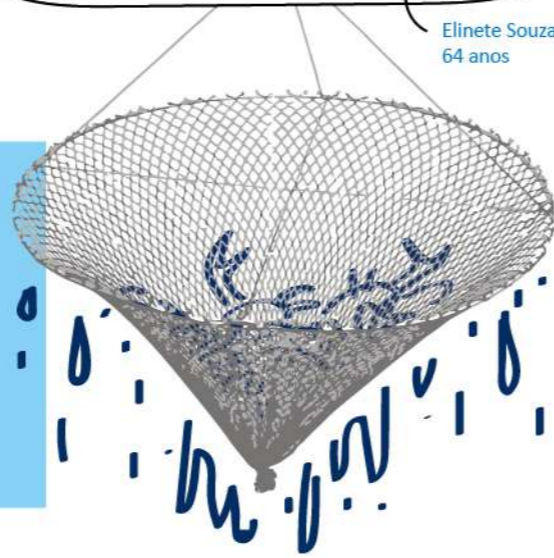


Sair daqui às 4 horas da manhã e voltar 5 horas da tarde e não pegar nenhum peixe é difícil. Mês de agosto mesmo é ruim, é muito vento, e os peixes se entocam nas pedras, no fundo né? Ninguém pega nada.

Biu Capela, 73 anos

eu comecei com jereré, foi o meu primeiro contato com a pesca que me lembro

Elinete Souza Correia, 64 anos



Atuação dos entrevistados na cadeia produtiva do pescado	
Captura ou pescaria.....	45%
Comercialização.....	22%
Beneficiamento (filetagem, limpeza, tratamento.....)	20%
Produção e manutenção de petrechos.....	11%
Carpintaria naval e mecânica.....	2%

Na colônia, a gente se reunia sempre, duas, três vezes no mês pra discutir a questão do pescador. Questão de terra, de aposentadoria, isso aí a gente conseguiu na marra.

Biu Capela, 73 anos



A regata a gente começou a fazer com uns cinco, seis pescadores. Depois a coisa foi crescendo, envolveu o pessoal de Santa Luzia.

Biu Capela, 73 anos



As mulheres foram muito importante pra organização dentro da colônia. Elas iam muito pra colônia, se reuniam e discutiam. Elas eram linha de frente.

Biu Capela, 73 anos



Os barcos que eram usados para ir pra São Luís, pra vender o pescado, eram produzidos aqui na Barra. O mestre Antônio Albuquerque, era quem produzia.

Luzinete Souza Correia, 87 anos

Seu Bibi trabalhava com isso. as jangadas eram feitas de pau roliço chamado de pau de jangadas. todas as jangadas eram feitas desta forma.

Elinete Souza Correia, 64 anos



Antigamente a gente pescava no alto mar, por meio da cabeça, só da cabeça! A gente ia lá fora, marcava tudinho. Hoje não, a gente não precisa fazer isso. Tem aquele GPS né? que você bota lá e marca né, e você pode ir dormir e no outro dia ele vai botar você em cima

Biu Capela, 73 anos



Houve momentos que eu quis desistir. Eu gosto da pesca, meu foco é a pesca, mas mesmo eu gostando a minha necessidade era maior. A pesca tem período bom e período ruim.

A quantidade de peixe diminuiu, as armadilhas eram mais poucas do que hoje.

No começo tinha muito peixe, pegava muito peixe na rede. Eu pegava peixe e ela ia vender na feira. Pegava agulha. Mas com o passar do tempo as coisas foram arruinando.

Meu pai quando saía daqui pra pescar, ele pescava num cabeço, hoje você cata em cinco, seis. A pescaria não pode mais ser pelo dia, tem que ser mais a noite pra poder pegar esse pescado, por que o peixe não encosta mais pelo dia.

Não, não queria que meus filhos continuassem, porque é pesado, cansativo e não é muito valorizada né? O pescador não tem valor de nada.

Hoje tem muitos benefícios. Hoje tem mais oportunidades pra gente estudar, não tem a formação quem não quer.



Luzinete Souza Correia, 87 anos

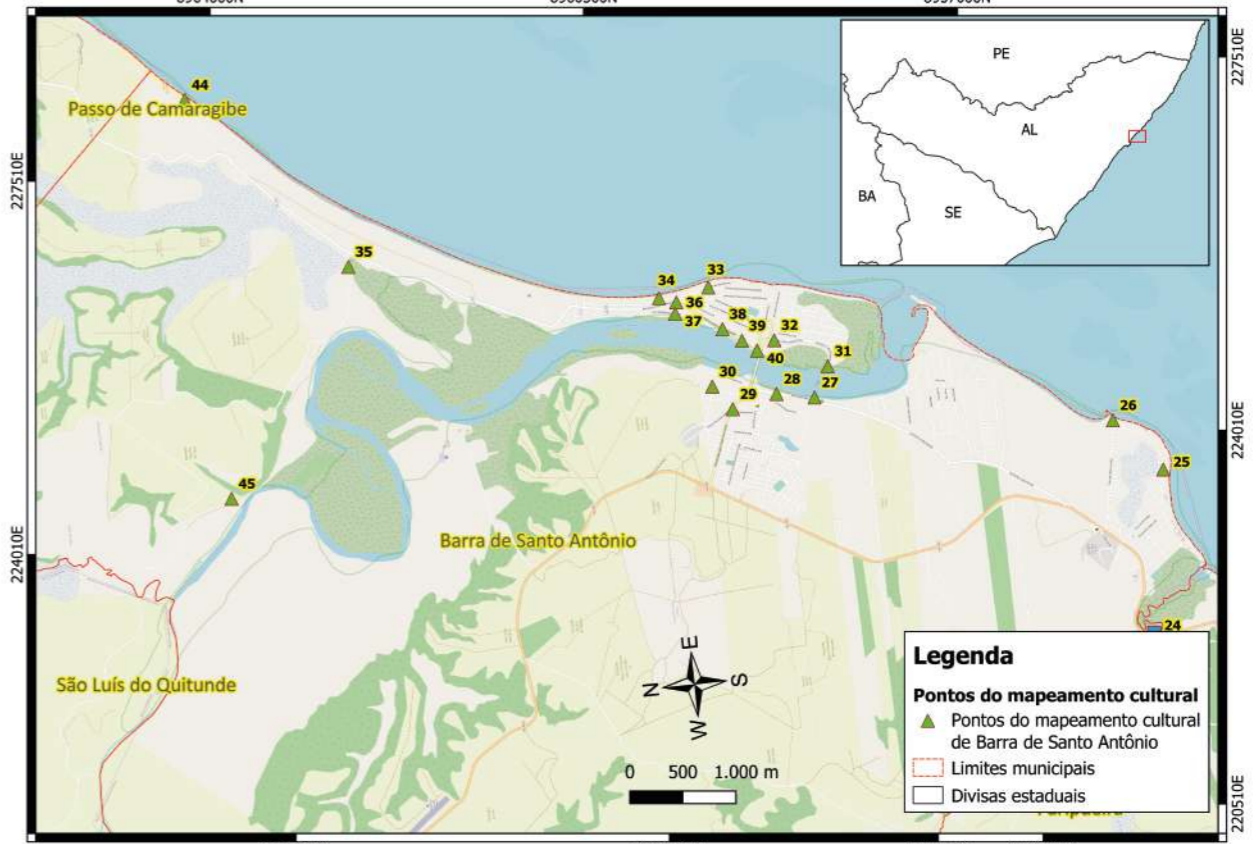
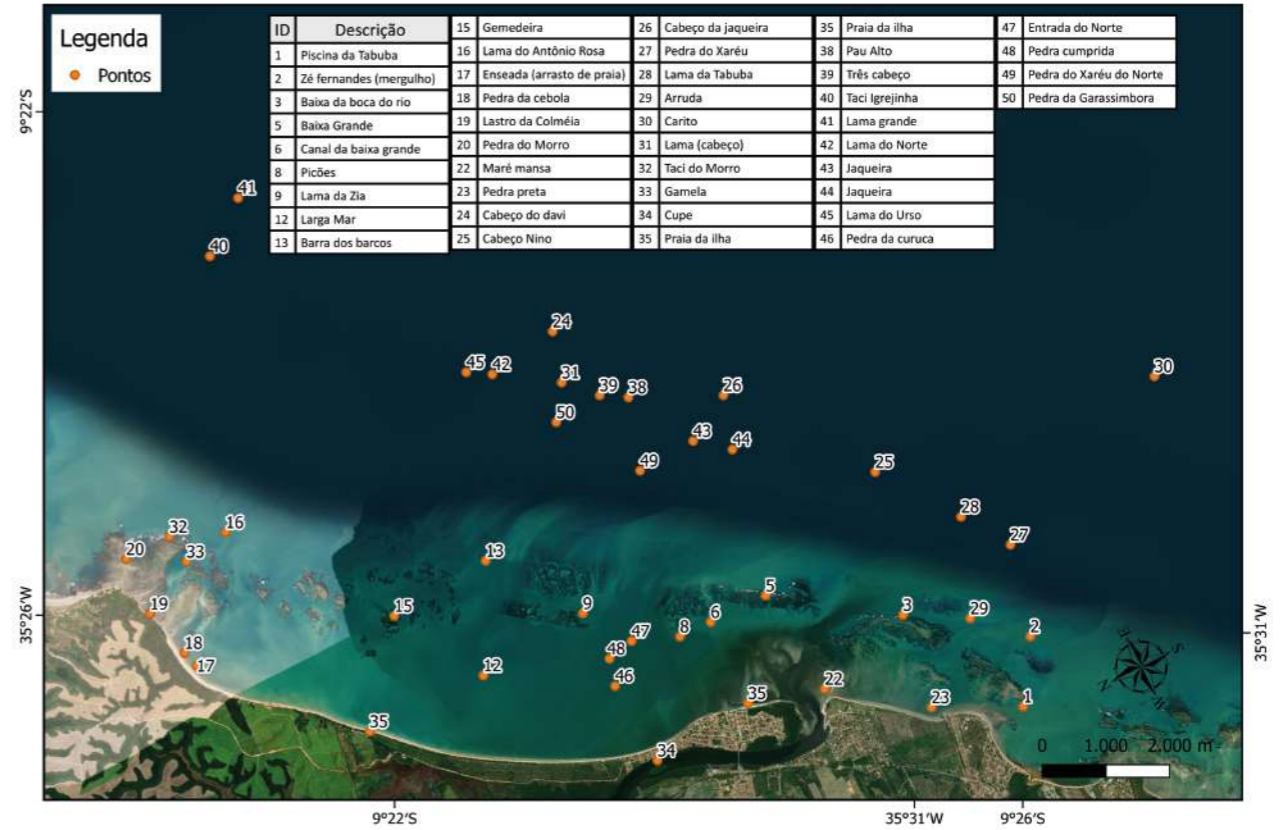
Jaelson Santos de Lima, 48 anos

Biu Capela, 73 anos



Jaelson Santos de Lima, 48 anos

Etnomapa Pesqueiros - Barra de Santo Antônio-AL



ID	Descrição	Município	32	Escola de Pesca e Cacimba - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
24	Rio Sapucaí	Paripueira	33	Balança de peixe - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
25	Balança da Tabuba	Barra de Santo Antônio	34	Atraque das jangadas - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
26	Pedra Preta - Povoado Tabuba	Barra de Santo Antônio	35	Ponte Poeira - Ponte sentido a praia do Carro Quebrado	Barra de Santo Antônio
27	Antigo Porto da Balsa - Barra 1	Barra de Santo Antônio	36	Praça do Ó	Barra de Santo Antônio
28	Antigo poço de coleta de água - Barra 1	Barra de Santo Antônio	37	Vila dos Pescadores - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
29	Antigo chafariz - praça da Vanir - Barra 1	Barra de Santo Antônio	38	Antigo Palhoção - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
30	Cruzeiro - Barra 1	Barra de Santo Antônio	39	Igreja Nossa Senhora da Conceição e Coreto - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio
31	Antigo porto da balsa - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio	40	Antigo porto das canoas - Ilha da Croa	Barra de Santo Antônio

GLOSSÁRIO

Baiana - Manifestação artística popular formada por um grupo de dançadoras que, trajadas com as vestes convencionais de baianas, dançam e fazem evoluções ao som de instrumentos de percussão.

Cacimba – Cova aberta no solo para recolher água.

Carimã – Denominação popular para as serras.

Chegança – Auto de temática marítima, versando sobre temas vinculados à vida no mar, às dificuldades como tempestades, calmarias, contrabando, brigas entre marujos e ainda as lutas entre os cristãos e os mouros infiéis, seguidores de Maomé. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984)

Coco de Roda - O Coco alagoano é uma dança cantada, sendo acompanhada pela batida dos pés ou tropel. Também é denominada de PAGODE ou SAMBA. Surge na época junina ou em outras ocasiões que se quer festejar acontecimentos importantes nas comunidades rurais. (Folguedos e Danças de Alagoas - José Maria Tenório Rocha, Maceió - 1984)

Chiqueiro – Parte do curral.

Curral – Armadilha fixada no solo para pescaria. É feita de varas de madeira e geralmente fica em regiões de mar tranquilo.

Lambedor – xarope feito de açúcar com mistura de água e ervas medicinais.

Palhoção – edificação feita para as festividades juninas.

Pastoril - manifestação artística popular.

Pegar menino – Aparar a criança no nascimento.

Quarenta – comida típica do nordeste, feita com farinha de milho.

Rancho – Edificações utilizadas para guardar os apetrechos utilizados na pesca.

Taipa – Método de construção de moradias com o uso de barro.

Tiborna – Resíduo tóxico que sobre após a destilação do caldo da cana-de-açúcar.

Jovens Protagonistas

Adevaldo Lúcio de Oliveira
Adriell C. Santana
Gabrielly Kailany F. da Silva
José Ferreira dos Santos Júnior
Maria Vitória de F. P. Lins
Pedro Villian Messias Monteiro
Rodrigo Santana
Tayná de Oliveira Pinto

Analista Ambiental

Coordenação do Projeto Jovens Protagonistas da Pesca
Artesanal da APA Costa dos Corais / ICMBIO
Gabriella Calixto Scelza

Apoio Técnico-Científico do Projeto Jovens Protagonistas da
Pesca Artesanal da APA Costa dos Corais / GEF-Mar
Juliana Nicolle Rebelo Barretto

Elaboração de Conteúdo

Gabriella Calixto Scelza
Juliana Nicolle Rebelo Barretto
José Ferreira dos Santos Júnior

Revisão de Conteúdo

Gabriella Calixto Scelza
Juliana Nicolle Rebelo Barretto
José Ferreira dos Santos Júnior
Camilla Helena da Silva
Marina Vieitas Dale
Marcela Juliana de Albuquerque Silva
Ruan Maxwell de Moura Cardozo Kadjevic
Manuela Muzzi de Abreu

Apoio na aplicação das entrevistas

Brunno Torres de Gouveia Bezerra

Ilustrações

Jacqueline Costa e Maurício Nunes

Design e Diagramação

Maurício Nunes